

Instituto Superior de Psicologia Aplicada



ESTUDO DESCRITIVO E EXPLORATÓRIO SOBRE O CONSUMO DE PORNOGRAFIA ONLINE NUMA AMOSTRA FEMININA PORTUGUESA

Maria João de Matos Gaspar

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade de Psicologia Clínica

Instituto Superior de Psicologia Aplicada

**ESTUDO DESCRITIVO E EXPLORATÓRIO SOBRE O CONSUMO DE
PORNOGRAFIA ONLINE NUMA AMOSTRA FEMININA
PORTUGUESA**

Maria João de Matos Gaspar

Dissertação orientada por Prof^a Doutora Ana Carvalheira

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Psicologia Aplicada

Especialidade em Psicologia Clínica

2008

Dissertação de mestrado realizada sob a orientação de Prof^a Doutora Ana Carvalheira, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Clínica , conforme o despacho da DGES, nº 19376/2006 publicado em Diário da República, 2^a série de 23 de Março, 2007.

AGRADECIMENTOS

A elaboração e concretização final deste trabalho não decorreu isenta de dificuldades, ansiedades e alguns desânimos. Por tal, ele não se teria tornado possível sem o especial apoio, contributo e estímulo de algumas pessoas que ajudaram a ultrapassar e a transformar esses obstáculos.

Agradeço à Prof. ^a Dr.^a Ana Alexandra Carvalheira, sem cuja orientação não teria sido possível a elaboração e conclusão deste trabalho.

À Mestre Tânia Varela pela orientação, conhecimentos e apoio nos momentos mais angustiantes do tratamento estatístico.

A todas as mulheres que participaram neste estudo e que devido a isso permitiram iluminar um pouco mais o panorama sexual feminino em Portugal.

À biblioteca do ISPA, pelo apoio na recolha de literatura.

Aos meus pais, que me apoiaram durante todo o meu percurso académico.

Aos meus amigos por me apoiarem quando necessário e por acreditarem em mim.

Ao Tiago, pelo afecto, compreensão e apoio em todos os momentos.

Um sincero obrigado, a todos!

RESUMO

A pornografia é um dos aspectos centrais no estudo da sexualidade humana, contudo o seu consumo foi sempre atribuído ao sexo masculino, sendo o senso comum que as mulheres não tinham qualquer interesse sexual em materiais do género. Apesar disto, têm vindo a surgir novos estudos que demonstram a existência de uma crescente tendência para a mudança desta perspectiva e que muitas mulheres já não se inibem em afirmar o seu consumo de pornografia. Com o surgimento da Internet tornou-se muito mais fácil aceder a este tipo de materiais, sendo este um terreno fértil para a exploração da sexualidade e diversos estudos têm vindo a comprovar o crescimento das actividades sexuais online, para ambos os sexos.

Será a pornografia online realmente algo que se restringe ao sexo masculino? O presente estudo é um estudo exploratório e descritivo com o objectivo de analisar o consumo de pornografia online numa amostra de mulheres portuguesas, de modo a tentar compreender melhor este tema e que significância isto poderá ter para o sexo feminino nos dias de hoje.

PALAVRAS CHAVE: Pornografia, Internet, Pornografia Online, Sexo Feminino, Mulheres.

ABSTRACT

Pornography in its different manifestations was always one of the most important aspects of human sexuality. However its usage was always associated with the men since common sense dictated that women had no sexual interest in pornography.

Even so, recent studies have demonstrated the crescent change in this belief and the understanding that women could enjoy pornography, dawned. With the advent of the internet, it has become easier to access this kind of interests and as a consequence the Internet is, nowadays, one of the most fertile grounds for the exploration of human sexuality.

Is pornography something that only men can enjoy? The objective of the present study is to “realizar” an exploratory study portraying the usage of online pornography by a sample of Portuguese women, hoping to shed some light about this subject and its significance for the women of today.

KEY WORDS: Pornography, Internet, Online Pornography, Female Sex, Women.

ÍNDICE

I. Introdução.....	9
II. Enquadramento Teórico.....	11
2.1 Alguns Apontamentos sobre a Pornografia ao longo da História.....	11
2.2 Internet e Pornografia.....	13
2.3 Consequências do consumo de pornografia.....	17
2.4 A investigação psicológica na Internet.....	21
III. Formulação do Problema.....	26
IV. Metodologia.....	27
4.1 Tipo de Estudo.....	27
4.2 Amostra.....	30
4.3 Instrumento.....	31
4.4 Procedimentos.....	31
V. Resultados.....	32
5.1 Idade, Frequência de Acesso e Hábitos Sexuais Online.....	37
5.2 Consumo de Pornografia e Religião.....	38
5.3 Satisfação Sexual e Masturbação.....	43
5.4 Relações de Compromisso e Frequência de Acesso a Sites Pornográficos.....	46
VI. Discussão.....	47
VII. Considerações Finais.....	50
VIII. Referências.....	52
IX. Anexos.....	56
Anexo A: Questionário sobre o consumo de pornografia online, para uma amostra de mulheres portuguesas.....	57
Anexo B: Cópia do consentimento informado referente ao questionário sobre o consumo de pornografia online, para uma amostra de mulheres Portuguesas.....	68
Anexo C: Restantes outputs dos resultados obtidos do questionário sobre o consumo de pornografia online, para uma amostra de mulheres Portuguesas.....	70

Anexo D: Restantes outputs do ponto 5.2. Idade, Frequência de Acesso e Hábitos sexuais online.....88

Lista de Tabelas

TABELA 1: Distribuição das idades da amostra recolhida (n= 202).....28

TABELA 2: Frequência de acesso a sites pornográficos (n= 115).....33

TABELA 3: Horas dispendidas em sites pornográficos (n= 115).....34

TABELA 4: Grau de satisfação com a vida sexual (n= 115).....36

TABELA 5: Importância dos sites pornográficos para o bem-estar sexual (n= 115).....36

TABELA 6: Frequência de acesso a sites pornográficos de acordo com a idade (n= 115).....37

TABELA 7: Acesso a sites pornográfico de acordo com a idade (n=202).....38

TABELA 8: Envio de imagens eróticas através da Internet de acordo com a religião (n= 202).....39

TABELA 9: Uso da webcam em contexto erótico de acordo com a religião (n= 202).....40

TABELA 10: Frequência do cibersexo de acordo com a religião (n= 202).....41

TABELA 11: Troca de material pornográfico através da conta de e-mail de acordo com a religião (n=202).....41

TABELA 12: Frequência de acesso a sites pornográficos em relação á religião (n= 202).....42

TABELA 13: Frequência da masturbação de acordo com a religião (n= 115).....43

TABELA 14: Masturbação e excitação sexual ao aceder a sites pornográficos (n =115).....44

TABELA 15: Grau de satisfação com a vida sexual em relação á masturbação ao aceder a sites pornográficos (n=115).....45

TABELA 16: Excitação sexual ao aceder a sites pornográficos de acordo com o grau de satisfação sexual (N =115).....45

TABELA 17: Frequência de acesso a sites pornográficos e relação de compromisso (n=115).....46

Lista de Quadros

Quadro 1: Dados socio-demográficos (n=202).....	30
Quadro 2: Dados relativos aos hábitos sexuais online (n = 202).....	33
Quadro 3: Razões que levam a aceder a sites pornográficos (n= 115).....	35
Quadro 4: Tipos de conteúdos sexualmente explícitos mais procurados online (n=115).....	36

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Distribuição da amostra pelos diversos distritos (n= 202).....	31
---	----

INTRODUÇÃO

A sexualidade nos seus múltiplos e variados aspectos é um tema que tem, merecido a atenção de diversos autores de várias áreas das ciências humanas ao longo das últimas décadas. Desde o estudo das suas relações com o saber e poder à sua importância enquanto característica definidora da identidade pessoal na sociedade contemporânea, a sexualidade tem progressivamente vindo a tornar-se uma das áreas chave para a compreensão dos diversos fenómenos que têm vindo a ocorrer no tecido social.

Paralelamente e de uma forma não alheia a estes discursos, novas abordagens de cariz mais pragmático têm surgido relativas aos diferentes comportamentos sexuais que os indivíduos adoptam e à importância que estes podem ter para o bem-estar sexual.

A sexualidade é uma área de grande importância no desenvolvimento dos indivíduos uma vez que é um todo complexo, que se refere ao modo como cada um se relaciona consigo e com os outros na procura de amor, contacto e intimidade. De acordo com a OMS (1982), a sexualidade tem influência sobre sentimentos, comportamentos e interacções, podendo a sua acção afectar igualmente a saúde física e mental dos indivíduos.

O desenvolvimento e expansão da Internet no último século veio abrir inúmeras possibilidades no campo da sexualidade, desde a sua utilização como um meio educativo até à sua utilização como meio lúdico. Dentro deste último, a Internet foi campo de uma expansão incrível, particularmente no que diz respeito à proliferação da pornografia, sendo que hoje em dia é fácil aceder aos mais diversos conteúdos pornográficos de forma anónima, uma vez que estes se encontram à distância de um clique.

Aqui tentaremos lançar luz sobre o papel das mulheres portuguesas no consumo de pornografia online, um campo ainda pouco investigado não só no nosso país mas também a nível mundial.

O presente estudo tenta, portanto, cruzar estes dois campos, sendo que numa primeira parte tentarei demonstrar a influência da pornografia na história da humanidade, clarificando ainda o papel que a Internet teve e têm na sexualidade humana, bem como diversos estudos já realizados sobre os efeitos comportamentais que a pornografia pode ter em ambos os sexos.

A segunda parte aborda os aspectos metodológicos do presente trabalho de investigação. Desta forma será explicado o design de investigação que utilizei com o objectivo de conhecer os hábitos de consumo de pornografia online numa amostra de

mulheres portuguesas. Este será também o momento para apresentar a estratégia conceptual e metodológica que presidiu à construção do instrumento utilizado e para dar conta dos procedimentos relativos à escolha da amostra e da sua caracterização.

Na terceira parte apresentarei os resultados obtidos de acordo com os objectivos propostos para posteriormente na quarta parte procurar dar sentido aos resultados.

Por último na quinta parte irei discutir os resultados obtidos, apresentado também algumas considerações finais onde deixarei em aberto sugestões para novos estudos.

II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A palavra “pornografia” vai ser usada neste trabalho para referir material sexualmente explícito concebido exclusivamente para excitar sexualmente quem o consumir. Ainda que este tipo de material possa aparecer nos mais variados meios, tal como, filmes e revistas, pretendo focar-me no domínio dos sites pornográficos e outras formas de ver pornografia on-line.

A ambiguidade muitas vezes atribuída ao termo “sexualmente explícito”, através de críticas que referem – correctamente – que algumas formas de arte (como a pintura ou a poesia) são também elas “sexualmente explícitas” fica aqui excluído, já que nesses casos não se pretende (á partida) que o observador se sinta excitado por o que vê ou lê.

2.1. Alguns Apontamentos Sobre a Pornografia ao Longo da História.

O uso de imagens sexualmente explícitas com o objectivo de entreter ou excitar não é de todo um fenómeno recente.

A poesia grega e romana era por vezes sexualmente sugestiva e ainda hoje podemos observar nas ruínas da cidade de Pompeia a existência de murais com cenas sexualmente explícitas. Existem também exemplos na cultura oriental, podendo-se referir como exemplos o Kama Sutra e as Mil e Uma Noites, onde podemos encontrar diversas imagens sexualmente explícitas ou referências a várias áreas sexuais.

Na cultura ocidental, podemos encontrar referências sexuais na arte através de toda a história moderna, quer seja na forma das baladas medievais, os poemas de autores como Chaucer, Dunbar, nas farsas francesas do século XIV e XV ou na arte e poesia no período do Renascimento.

Foi durante a idade média que se observou as primeiras formas de censura a todos os materiais sexuais, devido à grande influência que a Igreja Católica exercia na altura. Contudo a pornografia voltou a emergir durante o Renascimento italiano. O Decameron de Boccaccio (1313 – 1375), uma compilação de histórias que relatam as aventuras de algumas personagens bastante “marotas” são um dos exemplos disto.

Durante o século XIX, a luta entre a pornografia e a censura atingiu o seu pico, quando tudo o que poderia ser considerado sexualmente excitante era também considerado obsceno e portanto inadmissível. Em 1857, a censura chegou ao seu ponto máximo em Inglaterra quando o parlamento aprovou a “*Obscene Publications Act*”, delegando poderes à polícia para destruir quaisquer referências encontradas em obras literárias que pudessem ser consideradas sexualmente explícitas ou pornográficas.

Em Inglaterra, a partir desta altura, a divisão entre literatura “*mainstream*” e literatura pornográfica aumentou e trabalhos considerados pornográficos ou com conteúdo pornográfico eram publicados e distribuídos secretamente. O material erótico ou pornográfico passou a ser impresso em países mais tolerantes e contrabandeado de volta para Inglaterra e mais tarde para os Estados Unidos e a partir do final do século XIX, grandes quantidades de materiais pornográficos – como postais com temas sexuais – tornaram-se acessíveis para quase toda a gente (Siegel, 2000 cit. por Levay, 2007).

A partir da Segunda Guerra Mundial, o panorama modificou-se significativamente. Livros anteriormente banidos, voltaram a ser publicados, tal como foi o caso do livro de D.H. Lawrence “O amante de Lady Chatterly”, banido em 1928 e que voltou a ser impresso em 1959. Em 1953, foi publicada pela primeira vez a revista Playboy; em 1971 (menos de 20 anos depois) já possuía uma tiragem de 7 milhões de cópias por mês e até este dia, Hugh Hefner, o autor da revista, permanece como uma das figuras emblemáticas da revolução sexual do século XX (ainda que muito odiado por várias facções feministas).

Outra figura que contribuiu grandemente para a indústria pornográfica, durante os anos 60 do século passado, foi o produtor italiano Lasse Braun, que começou a distribuir filmes pornográficos hard-core, no formato Super8, ainda que fosse ilegal realiza-los e distribui-los nesta altura. Contudo, a popularidade que estes filmes rapidamente atingiram levou à sua legalização na maioria dos países Europeus e nos Estados Unidos durante a década de 70.

A introdução das videocassetes no fim da década de 70 voltou a modificar a indústria pornográfica, pois usando a videocassete, a produção e distribuição destes filmes tornou-se muito mais fácil, passando a existir uma maior diversidade de temas e no fim dos anos 90 existiam milhares de filmes no mercado.

Com o advento do DVD tornou-se possível influenciar o ângulo da câmara do filme que estamos a ver e com o surgimento da Internet, a indústria voltou a adaptar-se às novas inovações tecnológicas, sendo que hoje em dia é possível interagir sexualmente à distância através de webcams e salas de conversação online (Levay, 2007).

2.2. O Vício do Sexo Online, a Pornografia e a Internet.

Dado o seu rápido crescimento e fácil acesso, a Internet, tem também provocado alterações nos padrões sexuais humanos.

Considera-se que o tema “sexo” é o mais procurado nos motores de busca online e o site de estatísticas “*Internet filter review*”, demonstra que 25% de todas as pesquisas realizadas online são relativas a sites com conteúdo pornográfico e 35% de todos os downloads são de material pornográfico.

Devido a este panorama, vários autores (e.g. Young, 1998; Cooper, 2000) falam na existência de um novo tipo de comportamento aditivo – “Internet Addiction”, do qual o vício em sexo online ou outros comportamentos sexuais online seriam uma extensão. Segundo Griffiths (2000), o vício na Internet pode ser considerado um vício tecnológico, sendo um subtipo de vícios comportamentais, podendo ser medido de acordo com os mesmos componentes centrais deste tipo de vícios. Estes componentes podem ser expandidos para qualquer tipo de comportamento sexual online, seja cibersexo ou utilização de pornografia online.

Mais tarde Young (cit. por Griffiths, 2000) veio ainda dividir os vícios relacionados com a Internet em 5 subgrupos: 1) vício em cibersexo (*cybersexual addiction*), ou seja, o uso compulsivo de websites para adultos, quer para uso de pornografia, quer para cibersexo; 2) vício em relações online, ou seja, um desejo exagerado em estabelecer e desenvolver relações amorosas online; 3) vício em actividades como sejam as compras online, leilões ou jogos como o Póquer e outros jogos online, 4) compulsões para pesquisar as bases de dados existentes na Internet, passando demasiado tempo a realizar esta actividade e 6) vício em jogos de computador online, tal como é o caso do *World of Warcraft* ou *Second Life*.

Griffiths (2000) estipulou uma lista com diversas actividades sexuais possíveis de se realizar online, entre elas encontram-se: procurar sites com conteúdos sexuais educativos, tal como, informação sobre métodos contraceptivos e doenças sexualmente transmissíveis; comprar e vender produtos eróticos, tal como, revistas, livros, filmes, afrodisíacos e brinquedos sexuais; visitar sex-shops virtuais, quer seja para ver ou para comprar produtos; procurar parceiros sexuais, tanto para relações monógamas e sérias, como para relações sexuais casuais. A estes podemos ainda adicionar o estabelecimento de relações amorosas online, com a prática ou não de actividades como o cibersexo; as trocas de imagens pornográficas (suas ou de outros), através de e-mail ou salas de chat (IRC); e visitar sites pornográficos para fins masturbatórios ou entretenimento.

Ainda que nem todos estes possam ser compulsivos, o autor considera que os mais prováveis de se tornarem compulsivos seriam o uso de pornografia com objectivos masturbatórios ou a procura de relações amorosas online.

As divisões feitas por Young, deixam dúvidas quanto á existência de viciados na Internet. Será que os indivíduos são viciados na Internet em si ou este é apenas mais um meio de alimentarem vícios que já existiam? Contudo, Griffiths (2000) salienta a existência de estudos que revelam pessoas verdadeiramente viciadas na Internet, uma vez que apenas se envolvem em actividades em que não se poderiam envolver se não tivessem acesso online, como cibersexo, troca de pornografia por e-mail ou do jogo compulsivo de MMOPRG's (*Ultima online, Second Life e World of Warcraft*, por exemplo).

Cooper (cit. por Cooper, 2000), identificou cinco estádios para identificar comportamentos sexuais compulsivos (definindo este termo como, "*an irresistible urge to perform an irrational sexual act*"), existindo indicações de que estes parecem ser mais relevantes em utilizadores de Internet. Cada um destes estádios deve estar presente durante mais de seis meses: 1) negação de que esses comportamentos possam ser compulsivos; 2) várias tentativas mal sucedidas para parar com as actividades compulsivas online; 3) quantidades excessivas de tempo dedicadas ás actividades; 4) os comportamentos passam a influenciar negativamente o funcionamento social, ocupacional e recreativo do sujeito; 5) repetição dos comportamentos mesmo sabendo que estes têm consequências negativas.

Mas o que torna a Internet um meio tão atractivo para este tipo de comportamentos? Cooper (1999) sugeriu 3 factores centrais que tornariam este meio tão importante para a procura de certas actividades sexuais. A estes factores deu o nome de "*Triple-A engine*" e seriam eles, a acessibilidade ("*accessibility*"), porque os milhões de sites existentes estão disponíveis 24h por dia; a relação custo-preço ("*affordability*"), pois a oferta de websites para adultos é enorme e com preços bastante razoáveis devido ao seu grande número; e o anonimato ("*anonymity*"), já que as pessoas conseguem facilmente manter a sua identidade secreta durante a maioria das transacções sexuais.

Outra versão deste mecanismo foi criado por Young (cit. por Griffiths, 2000), recebendo a denominação ACE", que por sua vez refere-se ao anonimato ("*Anonymity*"), conveniência ("*Convenience*") e escape ou fuga ("*Escape*"). Young afirma que este modelo permite perceber de que forma o ciberespaço cria um clima cultural de permissividade que serve para encorajar e validar comportamentos permíscuos e adúlteros, online. Outros autores, referiram ainda outros factores que podem ajudar a compreender o desenvolvimento e estabelecimento de relações sexuais e/ou emocionais na Internet, tal como a aceitabilidade

social e os horários laborais prolongados que levam a uma maior disponibilidade para utilizar a Internet.

De todos estes factores, o anonimato tem sido dos mais importantes para explicar a existência do uso excessivo de pornografia online, pois o seu consumo através da Internet evita o embaraço de ir a uma loja comprar pornografia, sendo também mais rápido que o correio tradicional, por exemplo. De facto, o uso de sites com conteúdo sexual explícito está a tornar-se cada vez mais popular. O mecanismo “*Triple-A*”, pode ter o efeito de desafiar as defesas internas e estratégias de coping de indivíduos com uma tendência mais acentuada para comportamentos sexuais compulsivos. Assim, devido aos efeitos deste mecanismo, os sujeitos podem começar a depender mais da Internet para satisfazer as suas necessidades sexuais e sociais, acabando por passar cada vez mais tempo online do que a interagir com outros seres humanos na “vida real”.

Ainda relativamente aos efeitos aliciantes da Internet, Cooper et al (1999), usando os resultados do primeiro grande estudo feito sobre sexualidade online, traçaram três perfis dos indivíduos que usam a Internet para fins sexuais. Denominaram estes perfis de recreativos, compulsivo e “em risco” (“*At-risk*”). Os utilizadores recreativos - considerados não patológicos - referem-se aos que apenas pretendem satisfazer a sua curiosidade sobre aquilo que a Internet tem para oferecer no que diz respeito a sexo, quer seja para satisfazer um impulso sexual momentâneo ou para procurar informação específica. Os utilizadores compulsivos, foram descritos pelos autores como indivíduos que apresentam traços compulsivos e já experienciaram consequências negativas devido aos seus actos. Estes utilizadores poderiam apresentar estes comportamentos antes do contacto com a Internet. Por fim, os utilizadores “em risco” ou “*at-risk*”, incluem aqueles que não exibiam comportamentos sexuais compulsivos anteriormente, mas que desde a sua iniciação á Internet começaram a exibir estes comportamentos e a sofrer algumas consequências negativas em função disso. Estes utilizadores, são aqueles que provavelmente mais sentiram os efeitos do mecanismo “*Triple-A*”.

Existem ainda diversos estudos que comprovam a existência de indivíduos que utilizam a Internet excessivamente, sofrendo um impacto negativo na sua vida.

Young concluiu que aparentemente existe uma correlação entre o tempo despendido online e as consequências negativas deste acto. Reportou ainda que os sujeitos classificados como “viciados na Internet” usavam a Internet em média 38 horas por semana, com objectivos que não eram académicos nem de teor profissional.

Byrne e Osland (cit. por Boies et al, 2004), suportam estes dados defendidos por Young, concluindo que a maioria dos estudos considera que a exposição a materiais sexualmente explícitos podem levar a alterações no comportamento dos indivíduos. Alguns investigadores desta área (e.g.: Boies, 2002, Cooper, 1999 & Goodson, 2000 cit. por Boies, 2004) defendem que a exposição prolongada a pornografia pode levar ao decréscimo do interesse sexual no(a) parceiro(a) amoroso ou aumento do desejo em se envolver em relações sexuais sem compromisso. Aliás, num estudo realizado por Young (cit. por Griffiths, 2000),esta declarou que em 53% dos 396 estudos de caso que analisou, os indivíduos sofriam de problemas relacionais e matrimoniais devido à propensão para a infidelidade online e a prática compulsiva de cibersexo.

Para além destes, existem outros estudos que revelam as consequências negativas da utilização excessiva da Internet para o consumo de pornografia ou qualquer outro tipo de actividade sexual. Os resultados de um estudo realizado por Cooper e colaboradores (1999), com mais de 9000 participantes, mostraram que a maioria dos indivíduos envolvia-se em actividades sexuais online de forma recreativa sem sofrerem de consequências negativas no seu dia-a-dia. Contudo 17% dos participantes demonstrava sinais de compulsividade sexual e 8% eram de facto sexualmente compulsivos. Para além disto, 13% dos que se envolveram em actividades sexuais online pelo menos uma vez, demonstravam sinais de stress e compulsividade com uma intensidade que variava entre ligeiro e grave.

No seguimento do seu trabalho, Cooper e colaboradores (1999), encontrara, uma forte correlação entre o tempo passado online em actividades sexuais e a compulsividade sexual dos sujeitos. Os sujeitos que não aparentavam qualquer problema relacionado com actividades sexuais online (46,6%) passavam menos de 1h por semana envolvidos neste tipo de actividade, enquanto que 8,5% dos indivíduos admitiram passar pelo menos 11h por semana em actividades sexuais online e apresentavam os maiores níveis de vício em actividades sexuais online.

Apesar destas evidências, há que ter em conta que a sexualidade na Internet, tal como outras formas de sexualidade é melhor percebida quando vista como um continuum de comportamentos que podem ir desde formas saudáveis de expressão sexual até a comportamentos desajustados e patológicos. Devido a isto é necessário continuar a explorar o universo virtual para uma melhor compreensão da dinâmica sexual humana.

2.3. Consequências do Consumo de Pornografia – O Que Dizem os Estudos

Tal como já foi demonstrado, a pornografia ocupa um papel central na sexualidade humana e desde 1970 tem-se vindo a desenvolver um grande corpo de literatura sobre os efeitos que a pornografia poderá ter no ser humano. Contudo, a maioria destes estudos focam-se sobre o sexo masculino, sendo que muito menos foi estudado sobre a pornografia e os seus efeitos no sexo feminino.

Os estudos quantitativos realizados relativamente ao sexo masculino, durante os anos 80 do século passado, demonstraram que o consumo de pornografia pode afectar o comportamento que os homens adoptam para com as mulheres. Relativamente ao papel da pornografia nas ofensas sexuais cometidas por indivíduos do sexo masculino, a maioria dos estudos têm sido contraditórios e incompletos, mas largamente debatidos devido à sua importância.

Proulx, Perreault e Ouimet (cit. por Bensimon, 2007) concluíram que a visionação de pornografia influenciou 10 a 25% dos ataques sexuais, quando a vítima era um sujeito menor de idade. Outro estudo mais antigo, realizado por Marshall (cit. por Bensimon, 2007), demonstrou que 53% dos ofensores sexuais tinham visualizado pornografia (em revistas ou filmes) antes de cometerem um crime sexual.

Vários estudos empíricos referem-se ainda ao chamado “efeito dominó” que interpreta os elos causais e variáveis que entram em jogo antes, durante e depois do acto criminal. Num destes estudos, Langevin e Curnoe (cit. por Bensimon, 2007) questionaram 561 ofensores sexuais e 96 (17%) destes declararam que se tinham masturbado usando pornografia, antes de cometerem o ataque sexual; 57 sujeitos mostraram imagens pornográficas às suas vítimas – menores de idade – e 37 filmaram ou tiraram fotos das suas vítimas.

No entanto, desde o início destes estudos até hoje colocam-se problemas ao nível da validade externa e interna bem como no que diz respeito à causalidade, a qual em muitos casos é apenas uma repetição de resultados encontrados em estudos semelhantes. Uma destas causas destes problemas pode ser o ambiente em que muitos destes estudos são conduzidos – um hospital psiquiátrico ou uma prisão.

Os efeitos da banalização da violência através da exposição repetida através da televisão ou outros média tem sido também amplamente estudada. Estudos como o de Donnerstein (cit. por Senn, 1993) demonstrou que a violência contra mulheres pode ser facilitada pela exposição prolongada a pornografia violenta. Por outro lado, o consumo de

pornografia não violenta mas sexista pode diminuir a satisfação que os homens sentem com as suas companheiras e diminuir o respeito pela independência feminina. Mais recentemente Malamuth et all (2007), concluiu que o consumo elevado de pornografia é um dos factores que ajudam a prever a agressão sexual em homens.

Os efeitos comportamentais associados com a pornografia podem ser abordados através de três teorias centrais: a pornografia enquanto representação da sexualidade como forma de aprendizagem, agindo enquanto rede de segurança que ajuda a libertar tensões sexuais e ajuda a baixar a percentagem de crimes; a pornografia como auxiliar da “desumanização do indivíduo” defendida pelas teorias feministas anti-pornografia, que defende que a pornografia promove uma imagem deplorável das mulheres; e a dessensibilização através de uma imagem que não está dentro da realidade sexualizada dos indivíduos, fornecendo antes uma imagem reducionista das relações sócias humanas (Bensimon, 2007).

Contudo estudos qualitativos, como os de Hite (cit. por Atwood, 2005), proporcionam um insight mais profundo na relação que os homens constroem com a pornografia desde o princípio da adolescência. Estes descrevem-na como algo que usam para promover as relações com pares e como uma forma de descarregarem tensões sexuais. Enquanto alguns dizem sentir-se indiferentes ou hostis relativamente à pornografia, outros referem sentir-se bem ao ver este tipo de filmes. A maioria dos homens deste estudo diz também estar consciente de que a forma como os casais são retratados não corresponde à realidade, concluindo que este tipo de material promove a “desinformação sexual”, correspondendo, no entanto, à maioria das fantasias sexuais masculinas.

Loftus (cit. por Attwood, 2005) , realizou outro estudo deste tipo, onde afirma que as conclusões de facções anti pornografia que retratam a pornografia como viciante e provocando comportamentos violentos para com as mulheres não são suportadas pelo seu estudo. Na realidade, os homens da sua amostra retratam a pornografia como algo divertido, que demonstra o poder feminino e a sua beleza, reconhecendo-a como muito distante do mundo real.

Segundo Hardy (cit. por Atwood, 2005), os homens sentem muitas vezes sentimentos ambíguos acerca da pornografia, pois vêem o seu uso como sendo incompatível com as relações heterossexuais saudáveis e preocupando-se que o seu consumo possa realmente provocar dificuldades no estabelecimento de relações interpessoais reais.

Tal como já foi referido, os estudos realizados sobre consumidores de pornografia no sexo feminino são raros. Especialmente no que diz respeito à possibilidade de o sexo feminino poder apreciar pornografia, sendo que geralmente se assume os homens como os únicos consumidores activos e que as mulheres apenas sofrem os efeitos negativos e agressivos que este hábito promove.

São vários os autores que ao tentar compreender que atitudes as mulheres tem acerca da pornografia, acabam por referir as diferentes correntes feministas e o impacto que estas tiveram na forma como o sexo feminino encara este tipo de material.

Duas grandes correntes feministas, surgiram nos últimos 20 anos no que diz respeito à pornografia: a anti-pornografia (perspectiva feminista radical) e a anticensura (outras perspectivas feministas), sendo que ambas se ocupam principalmente do efeito que a pornografia poderá ter sobre as mulheres (Senn, 1993).

A ideia mais comum nos primeiros ensaios feministas radicais é que a pornografia reforça e reflecte a hostilidade que os homens sentem relativamente ao sexo feminino. Desde então esta ideia tem vindo a ser desenvolvida, sendo que esta corrente radical tenta evidenciar os efeitos negativos não só para as mulheres em geral mas também para as mulheres que trabalham na indústria pornográfica; a construção social das mulheres e dos homens vista através da pornografia e a relação entre a pornografia e as várias formas de violência dirigidas ao sexo feminino (Senn, 1993).

A corrente anticensura, é predominantemente mais liberal e considera que as mulheres também podem apreciar pornografia. Acusam a corrente anti-pornografia de ser insensível à diferença entre as classes sociais e de não mostrarem qualquer preocupação com as mulheres que trabalham na indústria do sexo.

O aparecimento de pornografia feita por mulheres e dirigida unicamente ao público feminino é um reflexo destas crenças e a corrente anticensura tem tentado evidenciar o cibersexo como uma forma de reforçar a identidade individual através da expressão de diferentes características pessoais. Para estas feministas, as novas tecnologias são também benéficas pois permitem um acesso mais fácil à educação sexual (Ciclitira, 2004).

Estas recentes inovações tecnológicas, tal como a Internet, facilitaram o acesso e distribuição de pornografia através da privacidade dos seus lares, permitindo ainda a produção dos seus próprios filmes e websites de forma relativamente fácil e barata (Ciclitira, 2004).

Os estudos realizados para compreender o ponto de vista feminino sobre a pornografia, abarcam na sua maioria estes pontos de vista. Um artigo de Ciclitira (cit. por Atwood, 2005), aponta a forma como o feminismo parece ter-se entrelaçado com a relação

que a maioria das mulheres tem com a pornografia, causando contradições entre as suas crenças, sentimentos e acções.

Devido a este tipo de interferência por parte do movimento feminista, diversos estudos foram realizados para tentar compreender o que as mulheres realmente pensam e sentem acerca da pornografia.

A jornalista Loretta Loach (cit. por Atwood, 2005), entrevistou diversas mulheres que afirmaram que a visão anti-feminista que considera as mulheres como vítimas de pornografia era demasiado simplista e não abarcava o verdadeiro significado das representações sexuais enquanto produtoras de prazer.

Senn (1993), realizou um estudo onde tentou representar as diversas atitudes que as mulheres tinham sobre a pornografia e identificou quatro perspectivas diferentes. A primeira correspondia à perspectiva feminista radical (ou anti-pornografia); a segunda perspectiva foi designada de “perspectiva conservadora”, sendo que ambas partilhavam algumas características ao classificar os materiais sexualmente explícitos como prejudiciais, associando-os com a violência para com as mulheres; a terceira perspectiva era a “perspectiva humanista”, basicamente preocupada em proteger as crianças dos perigos da pornografia; a quarta perspectiva descrita foi a “perspectiva ambivalente”, as mulheres deste grupo não viam muita pornografia mas também não tinham fortes opiniões sobre a mesma.

Neste ultimo grupo, não havia sentimentos de ódio ou de rejeição, muitas delas não se importando que o seu parceiro consumisse pornografia. Para além disto, muitas começaram a ver pornografia desde a adolescência e não concordavam com as visões feministas de vitimização ou violência, não acreditando que a pornografia desse uma imagem negativa do sexo feminino. O único aspecto negativo da pornografia, segundo este grupo de mulheres, é que muitas vezes causa o aumento de sentimentos negativos acerca dos seus próprios corpos. Actualmente, esta ultima perspectiva descrita por Senn, continua a ser pouco abordada.

Este estudo possibilitou a compreensão da relação do sexo feminino com a pornografia como complexa e abrangente, ficando claro que nem todas as mulheres pensam acerca da pornografia da mesma maneira.

Um estudo de Johansson e Hammarén (2007), que se debruçou sobre as atitudes da população sueca jovem sobre a pornografia, concluiu que ainda que o consumidor cliché seja o homem de meia idade, a verdade é que actualmente, muitos rapazes tem atitudes negativas acerca da pornografia, enquanto que algumas raparigas apreciam pornografia tendo uma aceitação muito liberal da mesma.

As novas tendências demonstradas nos estudos acima referidos, demonstram a necessidade de se realizar mais pesquisa de forma a compreender mais claramente a relação entre o sexo feminino e a pornografia online.

Devido aos poucos estudos realizados nesta área da sexualidade feminina, não só no nosso país mas também a nível internacional, parece ser pertinente realizar um estudo exploratório sobre o consumo de pornografia da população feminina portuguesa. Pretende-se, verificar se existem realmente consumidoras de pornografia online em Portugal, discriminando entre os diversos tipos de conteúdos preferidos, bem como proceder à análise das razões que as levam a utilizar este tipo de websites e as possíveis repercussões estes hábitos poderão ter na sua vida “offline”.

2.4. A Investigação Psicológica na Internet

O desenvolvimento da World Wide Web oferece um novo meio para a investigação psicológica. (e.g., Buchanan & Smith, 1999; Reips, 2000; Welch & Krantz, 1996 cit. por Carvalheira, 2007). Assim quando falamos de investigação na Internet, estamos a falar no uso da Internet como ambiente para a realização de trabalhos científicos.

Foi a partir de 1995 que se começou a utilizar a Internet como meio de recolha de dados e realização de trabalhos de investigação. Entre os diversos exemplos encontramos, o trabalho de Norma Welch sobre percepção auditiva; o estudo de Andreas Weigend sobre o reconhecimento da música e a investigação de John Krantz e colaboradores sobre os determinantes do atractivo feminino (Musch & Reips, cit. por Carvalheira, 2007).

Ao longo dos anos estes estudos foram-se multiplicando e presentemente já existe um grande número de material informático, livros e publicações que discutem métodos e técnicas para conduzir uma investigação na Web.

Contudo, a possibilidade de utilizar a Internet como instrumento e ambiente de investigação, apresenta um conjunto de interrogantes, especialmente relacionadas com a validade e qualidade dos dados.

De forma a comprovar se a Internet é um meio válido para levar a cabo uma investigação, Krantz e Dalal (cit. por Carvalheira, 2007) fizeram uma revisão de estudos realizados na web. Os autores analisam os métodos de determinação da validade usados em estudos correlacionais, experimentais e inquéritos, publicados desde 1996. De acordo com

Krantz e Dalal (cit. por Carvalheira, 2007), há duas formas de estabelecer a validade na investigação na Web: (1) comparar os resultados do estudo na Web com resultados obtidos em laboratório – validade convergente – ainda que este método dependa da validade do método em laboratório, e (2) examinar a investigação para verificar se os resultados seguem as tendências teoricamente previstas – um tipo de validade de constructo.

Foram revistos quatro estudos correlacionais e nove experimentais, realizados na Web, que usaram os seguintes procedimentos para determinar a validade: (a) comparação de amostras da Web e amostras tradicionais; (b) análise de consistência interna; (c) comparação dos resultados da Web com a perspectiva teórica; (d) comparação com investigações publicadas previamente. Na maioria destes estudos verificou-se uma elevada correspondência entre as versões da Web e a do laboratório (Krantz & Dalal, cit. por Carvalheira, 2007). Por outro lado, relativamente aos estudos psicológicos tradicionais, concluíram ainda que estes normalmente não se esforçam por assegurar a aleatoriedade das amostras, sendo em geral, a sua validade externa relativamente baixa.

Mas será que a Web constitui um meio apropriado para a recolha de amostras representativas? Os autores consideram que de acordo com os estudos revistos, os dados demográficos sugerem que até ao momento, esta pergunta tem que ser respondida negativamente, e a principal razão é claramente o problema das amostras não-probabilísticas e auto-selecionadas (Krantz & Dalal, cit. por Carvalheira, 2007). Contudo, na conclusão desta revisão de estudos, os mesmos autores afirmam a surpreendente correspondência entre as versões da Web e de laboratório, nos inquéritos, escalas e variáveis experimentais, e consideram a Web como um instrumento óptimo de investigação (Krantz & Dalal, cit. por Carvalheira, 2007).

No que diz respeito às formas de amostragem utilizadas na Internet e a sua possível ameaça à validade externa, os autores aconselham ainda diversos métodos de procedimento, como sejam a divulgação de um estudo na Web, ou em newsgroups, enviar e-mails, registar a página Web do estudo em motores de busca (Musch & Reips, cit. por Carvalheira, 2007) ou anunciar nas listas das páginas de investigação online, como a da APS. No entanto, cada um destes métodos pode condicionar a amostra e causar enviosamentos. Mustanski (cit. por Carvalheira, 2007) propõe o uso de vários métodos de recrutamento de sujeitos, com o objectivo de diminuir a ocorrência de enviosamentos.

Reips (cit. por Carvalheira, 2007) propõe uma técnica para estimar a influência da auto-selecção nos resultados: a *multiple site entry*. Várias páginas de entrada em diferentes websites, conduzem à primeira página do estudo, e posteriormente são comparados os dados

dos participantes que chegam dessas diferentes fontes. Se os dados são similares para páginas de entrada de conteúdos muito diferentes, pode-se concluir que a auto-selecção não teve um papel determinante nos resultados obtidos (Reips cit. por Carvalheira, 2007). Este autor, afirma ainda que a auto-selecção pode ser considerada o problema mais sério na investigação online e, enquanto a participação for voluntária, não haverá soluções perfeitas. Contudo, a variabilidade demográfica dos participantes auto-selecionados pode ser bastante superior à verificada em muitos estudos convencionais, sobretudo pelo que respeita à idade e ao género (Bailey, Foote & Throckmorton, cit. por Carvalheira, 2007).

Entre os diversos benefícios que a Internet apresenta enquanto instrumento de investigação, encontra-se o anonimato. O anonimato é o grande mediador das interacções online e pode ser um dos factores determinantes das diferenças existentes entre a comunicação online e “offline” (Kiesler et al. cit. por Carvalheira, 2007).

Muitos investigadores defenderam que, o contexto anónimo constitui uma vantagem para a investigação na Web, por facilitar uma participação mais honesta dos sujeitos (e.g., Buchanan, 2000; Hewson, Laurent & Vogel, 1996; Pasveer & Ellard, 1998; Pettit, 2002 cit. por Carvalheira, 2007). Através da Internet, as pessoas podem participar nos estudos com menos medo de ser identificadas nos seus grupos sociais ou comunidades (Cooper et al., 2002) e revelarem-se mais no contexto online, que nas entrevistas cara a cara (Cooper et al., 1999). Alguns investigadores da sexualidade consideram a Internet como um meio útil e atractivo para a investigação dos comportamentos privados, como por exemplo a sexualidade, pela sua natureza anónima ou parcialmente anónima.

Existem ainda outras vantagens apontadas por diversos autores no que diz respeito a este método de investigação, tal como, a facilidade em conseguir grandes amostras com uma maior variedade de participantes (Birnbaum, 2004); o elevado poder estatístico devido ao acesso a grandes amostras; diminuição dos custos, do espaço e dos materiais (Reips, cit. por Carvalheira, 2007) e facilidade de recolha e armazenamento de dados sem necessidade da presença dos investigadores (Mustanski cit. por Carvalheira, 2007).

Por outro lado, em determinados campos de estudo, alguns projectos de investigação podem beneficiar mais que outros da utilização da Internet como instrumento de investigação (Hewson, Laurent & Vogel cit. por Carvalheira, 2007). A Internet pode ser especialmente apropriada para aceder a determinados grupos de pessoas com atributos especiais que podem ser mais facilmente localizadas na Web, através de fóruns ou grupos de chat (Barak &

English, 2002; Cooper et al., 2000; Schmidt, 1997; Smith & Leigh, 1997; Reips, 2000 cit. por Carvalheira, 2007).

No campo de estudos da sexualidade, alguns autores referem algumas características da Internet que facilitam a investigação nesta área. O sentido de anonimato e a libertação da incomodidade da entrevista cara a cara, tem um efeito de desinibição que favorece uma participação mais honesta (Cooper et al. cit. por Carvalheira, 2007).

A Internet pode inclusivamente criar novas oportunidades para a investigação transcultural, pela diversidade geográfica e cultural das amostras (Hewson, Laurent & Vogel, 1996; Pettit, 2002; Smith & Leigh, 1997, cit. por Carvalheira, 2007).

Contudo, atendendo à complexidade destas novas metodologias, deve-se reconhecer também as suas debilidades e potenciais problemas. Alguns investigadores manifestam uma legítima preocupação relativamente à validade e fidelidade dos estudos, bem como às questões éticas da investigação na Internet. Ainda que os desafios específicos da recolha de dados via Internet sejam novos, a fidelidade, validade e integridade dos testes, continuam a ser preocupações centrais (Drasgow & Naglieri, cit. por Carvalheira, 2007). A natureza das amostras auto-seleccionadas pela participação voluntária, a possibilidade de participações repetidas, as limitações à validade externa, e a perda de controlo experimental, constituem as principais dificuldades da investigação na Web (Reips cit. por Carvalheira, 2007), assim como os possíveis enviesamentos das respostas dos sujeitos, ao material do estudo (Bailey et al. cit. por Carvalheira, 2007).

Apesar do rápido crescimento do acesso à Internet, os dados da investigação na Web reflectem as características demográficas da população da Web e não da população geral (Barak & English cit. por Carvalheira, 2007). A diversidade da amostra é considerada por muitos investigadores como uma vantagem, por ser heterogénea relativamente a alguns factores. Contudo, poderá ser demasiado homogénea relativamente a outros, como por exemplo, o interesse e a competência para o uso dos computadores (Buchanan cit. por Carvalheira, 2007). A perda de controlo experimental, seja do ambiente em que os participantes respondem, seja das variações de equipamentos (Mustanski; Birnbaum, 2000 cit. por Carvalheira, 2007), a manutenção da integridade e segurança dos dados (Pasveer & Ellard, 1998; Schmidt, 1997; Smith & Leigh, 1997 cit. por Carvalheira, 2007) e a possibilidade de participações repetidas, respostas inapropriadas ou incompletas (Schmidt, 1997; Smith & Leigh, 1997 cit. por Carvalheira, 2007) constituem potenciais problemas a enfrentar na investigação através da Internet.

Apesar dos problemas metodológicos da investigação realizada na Web, devido à falta de controlo nos estudos, muitos investigadores consideram que as vantagens do poder experimental, baixos custos e grandes amostras, compensam as desvantagens (Birnbaum, 2004).

A experiência revela que, se os estudos na web forem desenhados adequadamente, os resultados podem ser replicados em laboratório em muitos campos da psicologia (Birnbaum, 2004). Este autor afirma receber com frequência mensagens dos participantes, expressando o seu interesse na investigação e encorajando a mesma, o que segundo Birnbaum (2004) pode significar que estes sujeitos estão mais motivados e envolvidos na tarefa, que os estudantes universitários que constituem as amostras de muitos estudos convencionais.

Concluindo, a investigação na Internet levanta sem dúvida novas questões metodológicas, já que implica a utilização de novos procedimentos, sendo a falta de controlo experimental a mais importante. Contudo, este continua a ser um instrumento de investigação poderoso e apropriado desde que se tenha o cuidado de adequar alguns factores, como o tipo de método de investigação; o objecto de estudo; a população alvo e o grau de controlo que a recolha de dados poderá exigir (Carvalheira, 2007).

III. FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

Como já foi visto, a pornografia não é de todo um fenómeno recente. Contudo podemos afirmar que o maior crescimento deu-se a partir do século XX, culminando com o aparecimento da Internet e afectando a expressão sexual de ambos os sexos.

Ainda que a Internet, possa ser usada para a expressão sexual saudável e como plataforma para se iniciar uma relação emocional normal, também pode dar azo a problemas significativos no que diz respeito ao estabelecimento de relações emocionais saudáveis e na área da actividade sexual (Ferree, 2003).

Este panorama levantou diversas questões no campo do comportamento sexual humano, tornando-se a Internet um campo de pesquisa fértil. Assim, tem-se vindo a estudar o impacto que a Internet tem na psique humana e na expressão sexualizada dos comportamentos. Contudo, a investigação das atitudes e pensamentos actuais do sexo feminino, bem como da relação que as mulheres de hoje mantêm com a pornografia online, é ainda um campo pouco desenvolvido, levando a uma lacuna na compreensão do funcionamento sexual humano.

Desta forma, é o objectivo deste estudo, explorar e descrever de que forma as mulheres portuguesas encaram esta questão, percebendo se, de facto, existem mulheres que não só consomem pornografia online mas também apreciam este tipo de actividade.

Este estudo não coloca qualquer hipótese formal, uma vez que se trata de um estudo descritivo e exploratório, no entanto, iremos ter em conta certos aspectos que podem influenciar a forma como as mulheres podem encarar a pornografia. Entre eles, contamos factores como a religião, habilitações literárias, orientação sexual, satisfação sexual, hábitos masturbatórios, frequência de acesso, tentando ainda perceber se a pornografia poderá afectar a imagem que estas mulheres têm de si mesmas ou se o facto de estarem numa relação de compromisso influencia de todo o consumo realizado.

Assim, o objectivo deste estudo é lançar luz sobre uma problemática pouco considerada nos últimos anos, tentando compreender e caracterizar estas mulheres e a sua relação com a pornografia online.

IV.MÉTODOLOGIA

4.1. Tipo de Estudo

O tipo de estudo realizado foi de natureza exploratória e descritiva.

Diz-se exploratório, um estudo que não utiliza um modelo ou conceitos definidos previamente. Sendo assim, este tipo de estudo versa sobre um tema pouco pesquisado, sobre o qual ainda não se acumulou uma bibliografia significativa.

As razões mais comuns para a utilização deste tipo de estudo são a inexistência de modelos anteriores, os modelos que existem foram utilizados de forma inapropriada para o estudo pretendido ou no caso de existirem razões para questionar se o que a investigação tem mostrado para outras culturas, se aplicará do mesmo modo na nossa. Assim, o que conta são as novas informações levantadas pelo investigador, e não o diálogo com o conhecimento acumulado, que ainda é pequeno.

Já os estudos descritivos não pretendem explicar porque é que ocorrem determinados fenómenos. O investigador somente apresenta o que encontra . Os estudos descritivos são normalmente estudos exploratórios que decorrem do facto de ainda não existir necessariamente um conjunto de assumpções bem desenvolvidas para formular hipóteses. (Ribeiro, 2007).

4.2. Amostra

A amostra recolhida para este estudo é constituída por 202 mulheres portuguesas com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos, sendo a média de 27 anos. A distribuição da idade pode ser observada na tabela 1.

De um total de 216 questionários, 14 foram excluídos por não estarem devidamente preenchido, sendo o número final de 202 questionários.

TABELA 1: Distribuição das idades da amostra recolhida (n= 202).

Idades	Frequência	Porcentagem
18 - 20	9	4,5
21-25	77	38,1
26-30	66	32,7
31-35	29	14,4
36-40	10	5,0
>41	11	5,4
Total	202	100,0

Relativamente às habilitações literárias, tal como se pode observar no quadro 1 trata-se de uma amostra altamente qualificada e observa-se uma grande incidência de habilitações ao nível da licenciatura (50,5%), sendo que 17,4% possuem a pós-graduação e o pós-doutoramento e 32,2% têm habilitações que abrangem desde o 4º ano de escolaridade até á frequência universitária.

QUADRO 1: Dados socio-demográficos (n=202)

Variável	%
Idade	
Média= 27.89 (Desvio Padrão=6,40 ; Máx=58; Mín=18)	
Habilitações Literárias Completas	
Até ao 4º ano	0.5
Até ao 6º ano	0.5
Até ao 9º ano	1.5
12º ano de escolaridade	8.9
Frequência universitária	20.8
Licenciatura	50.5
Pós-Graduação	11.9
Mestrado	3.5
Doutoramento	1.5
Pós-Doutoramento	0.5
Estado Civil	
Solteira	73.3
Casada	10.4
União de Facto	13.9
Divorciada	2.5
Orientação Sexual	
Exclusivamente Heterossexual	80.2
Preferencialmente Heterossexual	13.9
Exclusivamente Homossexual	0.5
Preferencialmente Homossexual	0.5
Bissexual	5
Religião	
Católico Praticante	7.4
Católico Não Praticante	39.1
Outra Religião Praticante	5
Outra Religião Não Praticante	3
Sem Religião	45.5
Outros dados	
Vivem em meio urbano	91.6
Tiveram acompanhamento psicológico nos últimos 2 anos	11.9
Têm relação de compromisso há mais de 6 meses	60.4

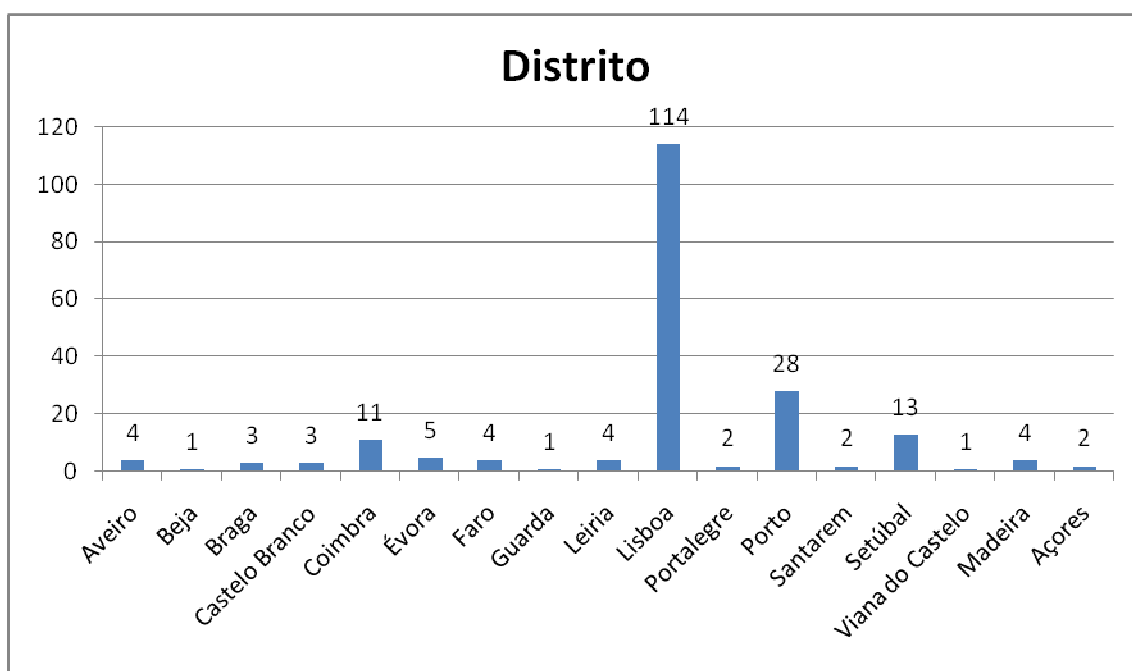
No que diz respeito à orientação sexual 80,2% consideram-se exclusivamente heterossexuais, representando a maioria das respostas.

De acordo com as respostas dadas sobre o estado civil, 128 são solteiras (73,3%); 21 são casadas (10,4%); 28 encontram-se numa união de facto (13,9%) e 5 estão divorciadas (2,5%) (quadro 1).

No que diz respeito à religião a maioria da amostra divide-se entre “sem religião” (45,5%) e “Católico não praticante” (39,1%), sendo que apenas 7,4% das participantes declararam ser “Católico praticante”.

Por fim, a maioria das participantes reside no distrito de Lisboa (56,4%), com 28 (13,9%) residentes no distrito do Porto e as restantes residem nos diversos distritos do país e ilhas, não existindo participantes apenas em três distritos (Bragança, Vila Real e Viseu). Estes dados podem ser observados em maior detalhe no gráfico 1.

GRÁFICO 1: Distribuição da amostra pelos diversos distritos (n= 202).



4.2 Instrumento

Devido à inexistência de questionários que pudessem ser utilizados neste estudo, foi criado um questionário de auto-resposta com 45 perguntas (anexo 1). Estas 45 perguntas abrangem temas como as preferências sexuais dos indivíduos no que diz respeito à

visualização de pornografia online; auto-estima; masturbação e partilha de imagens eróticas, entre outras existindo ainda uma secção inicial de 9 questões que pretendiam abranger os dados socio-demográficos da amostra. Para além disto o questionário permitia apenas o tipo de resposta fechada, sendo permitidas respostas múltiplas em apenas 2 questões. Na página inicial era apresentado um texto que constituía o consentimento informado.

4.3 Procedimento

A amostra foi recolhida online através do site www.surveymonkey.com. Este site permite a construção de questionários e armazenamento de bases de dados resultantes, o que facilita o seu uso para a realização de estudos desta natureza. A amostra foi recolhida entre Abril de 2008 e Junho de 2008.

Um dos métodos de divulgação foi o método “snowball”, ou seja, o link do questionário foi divulgado via e-mail para os meus contactos do sexo feminino, pedindo-lhes que após a conclusão do questionário, enviassem também o link para os seus contactos do sexo feminino. O outro método utilizado, foi a divulgação do questionário em diversas salas de conversação online (“chatrooms”), durante diferentes alturas do dia e da noite, encorajando os presentes a participarem no estudo.

No início de cada questionário foi apresentado um texto que constituía o consentimento informado, sendo que todas as participantes tinham que ler e aceitar a informação antes de continuarem a responder ao questionário.

Após a recolha da amostra, foi utilizado o programa SPSS versão 15.0 para Windows para realizar a análise estatística.

V. RESULTADOS

Relativamente aos hábitos sexuais online, podemos observar no quadro 2, o panorama que caracteriza a amostra utilizada neste estudo. No que diz respeito ao visionamento de sites pornográficos – o tema central deste estudo - 43.1% nunca acedeu a sites deste género mas 56.9% admitem já ter acedido. Dentro desta última percentagem, 32.2% das mulheres acederam poucas vezes, 18.8% acederam algumas vezes e 5,9% visionam estes sites muitas vezes.

QUADRO 2:Dados relativos aos hábitos sexuais online (n = 202)

Variável	%
Alguma vez acedeu a sites pornográficos?	
Nunca	43.1
Poucas Vezes	32.2
Algumas Vezes	18.8
Muitas Vezes	5.9
Troca material pornográfico através da sua conta de e-mail?	
Nunca	87.1
Poucas Vezes	10.4
Algumas Vezes	2.5
Alguma vez se envolveu em cibersexo?	
Nunca	75.7
Poucas Vezes	17.8
Algumas Vezes	4.5
Muitas Vezes	2
Já se despiu para uma webcam?	
Nunca	86.1
Poucas Vezes	10.4
Algumas Vezes	2.5
Quase Sempre	1
Já enviou imagens eróticas suas pela Internet?	
Nunca	79.7
Poucas Vezes	16.3
Algumas Vezes	3
Quase Sempre	1

No que diz respeito ao cibersexo, podemos observar que 24,3% já se envolveu nesta actividade em alguma altura da sua vida apesar de 75% nunca se ter envolvido. Para além disto, 13,9% da amostra admitiu já se ter despido perante uma webcam e 20,3% já enviou imagens eróticas suas através da Internet.

Na sub-amostra de 115 participantes (mulheres que já acederam alguma vez a sites pornográficos), a frequência de acesso a sites pornográficos (tabela 2) demonstra que 30% da amostra têm uma frequência de acesso que varia entre “pelo menos 1x por mês”; “mais do que 1x por mês”, “pelo menos 1x por semana”, “mais do que 1x por semana” e “diariamente”. Os restantes 70,4% da amostra acede menos de uma vez por mês.

TABELA 2: Frequência de acesso a sites pornográficos (n= 115).

	Frequência	Percentagem
Menos 1x por mês	81	70,4
Pelo menos 1x por mês	15	13,0
Mais do que 1x por mês	12	10,4
Pelo menos 1x por semana	3	2,6
Mais do que 1x por semana	1	,9
Diariamente	3	2,6
Total	115	100,0

Ainda relativamente ao tempo dispendido em horas por semana em sites pornográficos, os resultados indicam que 93% da amostra gasta menos de uma hora por semana. Contudo 7% passa entre “6h a 1h por semana” a “mais de 2h por dia” a visionar sites pornográficos (tabela 3).

TABELA 3: Horas dispendidas em sites pornográficos (n= 115).

	Frequência	Porcentagem
< de 1h por semana	107	93,0
De 6h a 11h por semana	4	3,5
De 12h a 17h por semana	1	,9
1h a 2h por dia	1	,9
>2h por dia	2	1,7
Total	115	100,0

Sobre as razões e preferências que levam as mulheres a visionar sites pornográficos, podemos observar no quadro 3 que as razões principais prendem-se com o entretenimento (29,6%), curiosidade (47,8%), porque procuram algo que seja sexualmente excitante (38.3%) e porque desejam aprender coisas novas sobre sexo (27.8%). Por outro lado, apenas 26,1% nunca praticou com o(a) companheiro(a) aquilo que vê nos sites pornográficos, sendo que 73,9% já o fez em alguma altura da sua vida (anexo C). Dentro desta amostra 15,7% usam estes sites porque procuram algo para se masturbarem. É importante ainda notar que para 1,7% da amostra aceder a sites pornográficos é uma actividade que consideram como “algo compulsivo que não consigo evitar”.

QUADRO 3: Razoes que levam a aceder a sites pornográficos. (n= 115)

O que a leva a aceder a sites pornográficos?	Frequência	%
Entretenimento	34	29.6
Apenas curiosidade	55	47.8
Procurar algo que me excite sexualmente	44	38.3
Procurar algo para me masturbar	18	15.7
Para aprender coisas novas sobre sexo	32	27.8
Faço-o com o meu parceiro(a) porque nos excita	10	8.7
Porque tenho muito desejo sexual	11	9.6
Porque não tenho parceiro(a) sexual	5	4.3
Para satisfazer fantasias muito específicas	13	11.3
Para agradar ao meu parceiro(a)	4	3.5
É algo compulsivo que não consigo evitar	2	1.7
Outras razões	10	8.7

No que diz respeito aos tipos de conteúdos mais procurados nestes sites, pode-se observar no quadro 4, que o tipo mais popular são as imagens de relações sexuais entre homens e mulheres (69,6%), as imagens de homens (21,7%), a encenação de fantasias (28,7%); os filmes pornográficos hard-core (22,6%) e soft-core (19,1%). De notar ainda que o conteúdo menos procurado é a interacção com o dono(a) do site através de webcam (2,6%).

QUADRO 4: Tipos de conteúdos sexualmente explícitos mais procurados online (n=115)

Que tipo de conteúdo procura?	Frequência	%
Imagens de homens	25	21.7
Imagens de mulheres	21	18.3
Imagens de relações sexuais entre homens	12	10.4
Imagens de relações sexuais entre mulheres	22	19.1
Imagens de relações sexuais entre homens e mulheres	80	69.6
Encenação de fantasias	33	28.7
Filmes pornográficos hard-core	26	22.6
Filmes pornográficos soft-core	22	19.1
Sites com webcams onde é possível interagir com o(a) dono(a) do site	3	2.6
Sites fetichistas	15	13
Sites de bondage e sadomasoquista	12	10.4
Sites de Hentai (filmes de animação pornográficos)	16	13.9
Outros conteúdos	16	13.9

Para a maioria esta é uma actividade solitária 84,5% e para 99,1% o acesso a sites pornográficos não representa qualquer gasto económico (anexo C).

TABELA 4: Grau de satisfação com a vida sexual (n= 115).

	Frequência	Porcentagem
Muito satisfeita	51	44,3
Moderadamente satisfeita	49	42,6
Pouco satisfeita	9	7,8
Nada satisfeita	6	5,2
Total	115	100,0

Apesar disto, 48,7% não considera o consumo de pornografia online um aspecto central para o seu bem-estar sexual (tabela 4). Contudo 49,6% considera esta actividade pouco ou moderadamente importante para o seu bem-estar sexual e 1,7% consideram-na um aspecto muito importante (tabela 5).

TABELA 5: Importância dos sites pornográficos para o bem-estar sexual (n= 115).

	Frequência	Porcentagem
Muito importante	2	1,7
Moderadamente importante	16	13,9
Pouco importante	41	35,7
Nada importante	56	48,7
Total	115	100,0

No que diz respeito ao impacto que a pornografia tem na vida pessoal destes indivíduos, os dados revelam que este hábito parece ter um impacto mais positivo que negativo. No total 62,6% das mulheres afirmaram que a pornografia já interferiu de forma positiva em alguma ocasião da sua vida enquanto que apenas 18,3% considera que este hábito já interferiu de forma negativa na sua vida (anexo C). Relativamente a estes dados há ainda que notar que 10,4% já consideraram em algum momento da sua vida que a pornografia que consomem é excessiva (anexo C) e 46,1% também já sentiu vergonha por ver sites pornográficos (anexo C). Para além disto, apesar de 33% considerar que a pornografia alterou

a forma como percebem o seu corpo de maneira positiva, 7% considera que esta alterou o seu percepcionamento corporal negativamente (anexo C).

5.1. Idade, Frequência de Acesso e Hábitos Sexuais online

Relativamente á frequência de acesso é fácil de observar na tabela 6 que é nos intervalos etários dos 21 a 25 anos (42,6%) e dos 26 a 30 anos (33%) que se encontra a maior frequência de acesso a sites pornográficos.

TABELA 6: Frequência de acesso a sites pornográficos de acordo com a idade (n= 115).

		15.Com que frequência acede a sites pornográficos?					Total	
Idade		- que 1x mês	Pelo – 1x mês	+ que 1x mês	Pelo – 1x semana	+ que 1x semana	Diariamente	
18-20	Count	6	0	0	0	0	0	6
	% of Total	5,2%	,0%	,0%	,0%	,0%	,0%	5,2%
21-25	Count	33	6	7	1	1	1	49
	% of Total	28,7%	5,2%	6,1%	,9%	,9%	,9%	42,6%
26-30	Count	25	8	3	1	0	1	38
	% of Total	21,7%	7,0%	2,6%	,9%	,0%	,9%	33,0%
31-35	Count	8	0	1	1	0	0	10
	% of Total	7,0%	,0%	,9%	,9%	,0%	,0%	8,7%
36-40	Count	4	1	0	0	0	1	6
	% of Total	3,5%	,9%	,0%	,0%	,0%	,9%	5,2%
>40	Count	5	0	1	0	0	0	6
	% of Total	4,3%	,0%	,9%	,0%	,0%	,0%	5,2%
Total	Count	81	15	12	3	1	3	115
	% of Total	70,4%	13,0%	10,4%	2,6%	,9%	2,6%	100,0 %

Relativamente ao acesso a estes sites é ainda nos intervalos etários 21 a 25 anos (24,2%) e 26 a 30 (18,8%) anos que encontramos a maior parte das mulheres que já acederam alguma vez a sites pornográficos. Contudo deve-se ainda acrescentar que 5% das mulheres que alguma vez acedeu a sites pornográficos têm idades superiores a 36 anos. (tabela 7).

TABELA 7: Acesso a sites pornográfico de acordo com a idade (n=202)

Idade		10. Alguma vez acedeu a sites pornográficos?				Total
		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	
18-20	Count	3	5	1	0	9
	% of Total	1,5%	2,5%	,5%	,0%	4,5%
21-25	Count	28	27	16	6	77
	% of Total	13,9%	13,4%	7,9%	3,0%	38,1%
26-30	Count	28	19	15	4	66
	% of Total	13,9%	9,4%	7,4%	2,0%	32,7%
31-35	Count	19	6	3	1	29
	% of Total	9,4%	3,0%	1,5%	,5%	14,4%
36-40	Count	4	4	1	1	10
	% of Total	2,0%	2,0%	,5%	,5%	5,0%
>40	Count	5	4	2	0	11
	% of Total	2,5%	2,0%	1,0%	,0%	5,4%
Total	Count	87	65	38	12	202
	% of Total	43,1%	32,2%	18,8%	5,9%	100,0%

Esta predominância dos intervalos etários 21 a 25 e 26 a 30 anos observa-se ainda nas mulheres que já se despiram para uma webcam (anexo D), trocaram material pornográfico através da conta de e-mail (tabela 45) e enviaram imagens eróticas suas através da Internet (tabela 48). Contudo é na prática de cibersexo (3%) (anexo D) e envio de imagens eróticas através da Internet (3%) que se encontra um maior número de mulheres com idades superiores a 36 anos.

5.2. Consumo de Pornografia e Religião

De uma forma geral são os participantes que se incluem nas categorias “Sem Religião” e “Católico não praticante” que exibem a maioria de comportamentos sexuais online. Assim sendo, no que diz respeito á troca de imagens eróticas através da Internet, os indivíduos “Sem Religião” representam 9,4% dos que já trocaram este tipo de imagens, seguidos pelos “Católicos não praticantes” com 7,4%. Em contrapartida os indivíduos das categorias “Católico Praticante” e “Outra religião praticante” que já trocaram imagens eróticas pela Internet perfazem apenas um total de 2%. (tabela 8)

Relativamente às participantes que já se despiram para uma webcam, são as que se declaram “Sem Religião” aquelas que mais vezes realizaram este acto (7,9%), seguidas mais uma vez dos “Católicos não praticantes” com 3% de respostas. Os “Católicos praticantes” e os que pertencem a “Outra religião não praticante” apresentam apenas 0.5% das respostas cada. (tabela 9)

TABELA 8: Envio de imagens eróticas através da Internet de acordo com a religião (n= 202).

14. Já enviou imagens eróticas suas através da Internet?		7. Religião					Total
		Católico Praticante	Católico Não Praticante	Outra Religião Praticante	Outra Religião Não Praticante	Sem Religião	
Nunca	Count	12	64	9	3	73	161
	% of Total	5,9%	31,7%	4,5%	1,5%	36,1%	79,7%
Poucas Vezes	Count	1	13	0	3	16	33
	% of Total	,5%	6,4%	,0%	1,5%	7,9%	16,3%
Algumas Vezes	Count	1	2	1	0	2	6
	% of Total	,5%	1,0%	,5%	,0%	1,0%	3,0%
Quase Sempre	Count	1	0	0	0	1	2
	% of Total	,5%	,0%	,0%	,0%	,5%	1,0%
Total	Count	15	79	10	6	92	202
	% of Total	7,4%	39,1%	5,0%	3,0%	45,5%	100,0%

TABELA 9: Uso da webcam em contexto erótico de acordo com a religião (n= 202).

13. Já se despiu para uma webcam?		7.Religião					Total
		Católico Praticante	Católico Não Praticante	Outra Religião Praticante	Outra Religião Não Praticante	Sem Religião	
Nunca	Count	14	73	6	5	76	174
	% of Total	6,9%	36,1%	3,0%	2,5%	37,6%	86,1%
Poucas vezes	Count	0	5	3	1	12	21
	% of Total	,0%	2,5%	1,5%	,5%	5,9%	10,4%
Algumas vezes	Count	0	1	1	0	3	5
	% of Total	,0%	,5%	,5%	,0%	1,5%	2,5%
Quase sempre	Count	1	0	0	0	1	2
	% of Total	,5%	,0%	,0%	,0%	,5%	1,0%
Total	Count	15	79	10	6	92	202
	% of Total	7,4%	39,1%	5,0%	3,0%	45,5%	100,0%

Quanto ao cibersexo, são aqueles que se declaram “Sem Religião” que apresentam a percentagem mais elevada de participação neste acto (14,8%) seguidas mais uma vez da categoria “Católico não praticante” com 5,5% de respostas (tabela 10).

Tal como se pode observar ainda na tabela 11, são também as duas categorias anteriormente citadas (“Católico não praticante” e “Sem religião”) que voltam a ter as percentagens mais elevadas no que diz respeito à troca de material pornográfico através da conta de e-mail. Contudo neste caso as percentagens para ambas as categorias são bastante similares, com 6% para os “Católicos não praticantes” e 6,5% para os “Sem religião”.

TABELA 10: Frequência do cibersexo de acordo com a religião (n= 202).

Alguma vez se envolveu em cibersexo?		7. Religião					Total
		Católico Praticante	Católico Não Praticante	Outra Religião Praticante	Outra Religião Não Praticante	Sem Religião	
Nunca	Count	13	68	7	3	62	153
	% of Total	6,4%	33,7%	3,5%	1,5%	30,7%	75,7%
Poucas Vezes	Count	0	8	2	3	23	36
	% of Total	,0%	4,0%	1,0%	1,5%	11,4%	17,8%
Algumas Vezes	Count	1	2	1	0	5	9
	% of Total	,5%	1,0%	,5%	,0%	2,5%	4,5%
Muitas Vezes	Count	1	1	0	0	2	4
	% of Total	,5%	,5%	,0%	,0%	1,0%	2,0%
Count		15	79	10	6	92	202
% of Total		7,4%	39,1%	5,0%	3,0%	45,5%	100,0%

Por fim, relativamente aos dados centrais para esta tese, podemos observar que a maioria das participantes que já alguma vez acedeu a sites pornográficos pertence ou á categoria “Católico não praticante” (19,8%) ou á categoria “Sem religião” (28,7%). A categoria “Católico praticante” e “Outra religião praticantes” têm apenas 3,5% cada e “Outra religião não praticante” 2,5%. (tabela 12)

TABELA 11: Troca de material pornográfico através da conta de e-mail de acordo com a religião (n=202).

Troca material pornográfico através da sua conta de e-mail?		Religião					Total	
		Católico Praticante	Católico Não Praticante	Outra Religião Praticante	Outra Religião Não Praticante	Sem Religião		
Nunca	Count	15	67	9	6	79	176	
	% of Total	7,4%	33,2%	4,5%	3,0%	39,1%	87,1%	
Poucas Vezes	Count	0	10	1	0	10	21	
	% of Total	,0%	5,0%	,5%	,0%	5,0%	10,4%	
Algumas Vezes	Count	0	2	0	0	3	5	
	% of Total	,0%	1,0%	,0%	,0%	1,5%	2,5%	
		Count	15	79	10	6	92	202
		% of Total	7,4%	39,1%	5,0%	3,0%	45,5%	100,0%

TABELA 12: Frequência de acesso a sites pornográficos em relação á religião (n= 202).

Alguma vez acedeu a sites pornográficos?		Religião					Total
		Católico Praticante	Católico Não Praticante	Outra Religião Praticante	Outra Religião Não Praticante	Sem Religião	
Nunca	Count	8	39	5	1	34	87
	% of Total	4,0%	19,3%	2,5%	,5%	16,8%	43,1%
Poucas Vezes	Count	4	27	2	2	30	65
	% of Total	2,0%	13,4%	1,0%	1,0%	14,9%	32,2%
Algumas Vezes	Count	3	10	3	2	20	38
	% of Total	1,5%	5,0%	1,5%	1,0%	9,9%	18,8%
Muitas Vezes	Count	0	3	0	1	8	12
	% of Total	,0%	1,5%	,0%	,5%	4,0%	5,9%
Total	Count	15	79	10	6	92	202
	% of Total	7,4%	39,1%	5,0%	3,0%	45,5%	100,0%

Ao analisar outros comportamentos sexuais como a masturbação, cruzando-os com a variável “religião” observamos que mais uma vez que são as participantes católicas não praticantes (18,3%) e as sem religião (38,3%) que mais vezes se masturbam quando acedem a sites pornográficos (tabela 13).

TABELA 13: Frequência da masturbação de acordo com a religião (n= 115).

Costuma masturbar-se quando acede a sites pornográficos?		Religião					Total
		Católico Praticante	Católico Não Praticante	Outra Religião Praticante	Outra Religião Não Praticante	Sem Religião	
Nunca	Count	3	19	1	1	14	38
	% of Total	2,6%	16,5%	,9%	,9%	12,2%	33,0%
Poucas Vezes	Count	0	9	3	2	28	42
	% of Total	,0%	7,8%	2,6%	1,7%	24,3%	36,5%
Algumas Vezes	Count	3	8	0	1	8	20
	% of Total	2,6%	7,0%	,0%	,9%	7,0%	17,4%
Muitas Vezes	Count	1	4	1	1	8	15
	% of Total	,9%	3,5%	,9%	,9%	7,0%	13,0%
Total	Count	7	40	5	5	58	115
	% of Total	6,1%	34,8%	4,3%	4,3%	50,4%	100,0%

5.3 Satisfação Sexual e Masturbação

Do total da amostra, 87% afirmou que o seu grau de satisfação com a sua vida sexual variava entre “muito satisfeita” e “moderadamente satisfeita”; e 67% admitiram masturbar-se (com diferentes tipos de frequência) quando acediam a sites pornográficos.

Após a análise dos dados obtidos ao combinar a frequência da masturbação ao acederem a sites pornográficos e a excitação sexual que sentem quando acedem a estes sites, observa-se que quanto mais frequente é a excitação sexual ao aceder aos sites, também maior é a frequência da masturbação nestas ocasiões, sendo que as que se masturbam mais são aquelas que ficam sexualmente excitadas “Quase Sempre” (26,1%) ou “Algumas Vezes” (27,8%) (tabela 14).

TABELA 14: Masturbação e excitação sexual ao aceder a sites pornográficos (n =115).

		21. Costuma masturbar-se quando acede a sites pornográficos?				Total
		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	
31. Quando acede a sites pornográficos fica sexualmente excitada?						
Sempre	Count	0	3	3	5	11
	% of Total	,0%	2,6%	2,6%	4,3%	9,6%
Quase Sempre	Count	4	15	7	8	34
	% of Total	3,5%	13,0%	6,1%	7,0%	29,6%
Algumas Vezes	Count	17	21	9	2	49
	% of Total	14,8%	18,3%	7,8%	1,7%	42,6%
Poucas Vezes	Count	13	3	1	0	17
	% of Total	11,3%	2,6%	,9%	,0%	14,8%
Nunca	Count	4	0	0	0	4
	% of Total	3,5%	,0%	,0%	,0%	3,5%
Total	Count	38	42	20	15	115
	% of Total	33,0%	36,5%	17,4%	13,0%	100,0%

No que diz respeito ao grau de satisfação com a vida sexual, podemos ver na tabela 15, que quanto mais satisfeitas com a sua vida sexual maior é a frequência da masturbação quando acedem a sites pornográficos. Apesar da maioria da amostra se concentrar nas que estão “muito satisfeitas” com a sua vida sexual (51) ou “moderadamente satisfeitas” (49); também a maioria das “pouco satisfeitas” e “insatisfeitas” se masturbam quando acedem a sites pornográficos. Assim sendo, nas “pouco satisfeitas” 6,1% de um total de 7,8% masturba-se quando acede a sites pornográficos e 3,5% de um total de 5,2% de mulheres “insatisfeitas” também realiza este acto quando acede a sites pornográficos. Contudo é nas duas primeiras categorias que encontramos a maioria das mulheres que têm hábitos masturbatórios.

Por fim, são também aquelas mais satisfeitas com a sua vida sexual que mais se sentem sexualmente excitadas quando acedem a sites pornográficos. As que mais se sentem sexualmente excitadas ao visionar estes sites são as “muito satisfeitas” com a sua vida sexual (41,7%), seguidas das moderadamente satisfeitas (37,4%) (tabela 16).

TABELA 15 - Grau de satisfação com a vida sexual em relação á masturbação ao aceder a sites pornográficos (n=115).

		21. Costuma masturbar-se quando acede a sites pornográficos?				Total
28. Qual o seu grau de satisfação com a sua vida sexual?		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Sempre	
Muito Satisfeita	Count	20	19	5	7	51
	% of Total	17,4%	16,5%	4,3%	6,1%	44,3%
Moderadamente Satisfeita	Count	14	20	8	7	49
	% of Total	12,2%	17,4%	7,0%	6,1%	42,6%
Pouco Satisfeita	Count	2	1	5	1	9
	% of Total	1,7%	,9%	4,3%	,9%	7,8%
Insatisfeita	Count	2	2	2	0	6
	% of Total	1,7%	1,7%	1,7%	,0%	5,2%
Total	Count	38	42	20	15	115
	% of Total	33,0%	36,5%	17,4%	13,0%	100,0%

TABELA 16: Excitação sexual ao aceder a sites pornográficos de acordo com o grau de satisfação sexual (N =115).

31. Quando acede a sites pornográficos fica sexualmente excitada?		28. Qual o seu grau de satisfação com a sua vida sexual?				Total
		Muito Satisfeita	Moderadamente e Satisfeita	Pouco Satisfeita	Insatisfeita	
Sempre	Count	5	6	0	0	11
	% of Total	4,3%	5,2%	,0%	,0%	9,6%
Quase Sempre	Count	13	14	5	2	34
	% of Total	11,3%	12,2%	4,3%	1,7%	29,6%
Algumas Vezes	Count	22	22	3	2	49
	% of Total	19,1%	19,1%	2,6%	1,7%	42,6%
Poucas Vezes	Count	8	6	1	2	17
	% of Total	7,0%	5,2%	,9%	1,7%	14,8%
Nunca	Count	3	1	0	0	4
	% of Total	2,6%	,9%	,0%	,0%	3,5%
Total	Count	51	49	9	6	115
	% of Total	44,3%	42,6%	7,8%	5,2%	100,0%

5.4 Relações de Compromisso e Frequência de Acesso a Sites Pornográficos

Ao considerar se o facto de estarem numa relação de compromisso influenciaria a frequência de acesso a sites pornográficos, verificámos que na maioria, as mulheres que se encontram em relações de compromisso há mais de 6 meses têm uma maior percentagem de acesso a sites pornográficos (58,3%) do que aquelas que não se encontram nessa situação presentemente (41,7%) (tabela 17).

Este dado é corroborado pela percentagem de mulheres que diz não visionar mais pornografia por não se encontrar numa relação amorosa. (60,9%) (anexo C)

Para finalizar a análise dos resultados deve-se ainda acrescentar que para a maioria das mulheres (84,3%) que acedem a sites pornográficos esta é uma actividade privada (anexo C) , não representando uma parte importante da sua vida (94,8%) (anexo C). Contudo nem todas estariam dispostas a abdicar desta actividade se o seu companheiro pedisse (46,1%) (anexo C).

TABELA 17: Frequência de acesso a sites pornográficos e relação de compromisso (n=115).

		5. Têm relação de compromisso há mais de 6 meses?		Total
15. Com que frequência acede a sites pornográficos?		Sim	Não	
- de 1x por mês	Count	46	35	81
	% of Total	40,0%	30,4%	70,4%
Pelo – 1x por mês	Count	9	6	15
	% of Total	7,8%	5,2%	13,0%
+ que 1x por mês	Count	6	6	12
	% of Total	5,2%	5,2%	10,4%
Pelo – 1x por semana	Count	2	1	3
	% of Total	1,7%	,9%	2,6%
+ que 1x por semana	Count	1	0	1
	% of Total	,9%	,0%	,9%
Diariamente	Count	3	0	3
	% of Total	2,6%	,0%	2,6%
Total	Count	67	48	115
	% of Total	58,3%	41,7%	100,0%

VI. DISCUSSÃO

As respostas analisadas demonstraram que a maioria das mulheres que responderam a este estudo já visionaram pornografia online em alguma altura da sua vida ainda que com diferentes frequências de consumo. A média de idades da amostra é bastante jovem, sendo no intervalo etário dos 21 aos 30 anos que se observa a maior frequência de acessos a sites pornográficos, indo ao encontro dos resultados obtidos por Cooper et. all (2003) onde era também a população mais jovem da sua amostra que utilizava a Internet como meio de exploração e experimentação sexual. De facto, numa altura em que os indivíduos se encontram mais activos sexualmente, a Internet permite-lhes explorar diversas formas de expressão sexual.

Se é bastante óbvio que é a população mais jovem que tem um maior acesso á Internet (por serem estudantes ou através do local de trabalho) é também do conhecimento geral que os indivíduos com um maior nível de educação têm maior facilidade em trabalhar com novas tecnologias e manter-se a par do seu desenvolvimento. Os dados desta tese demonstram ainda que a maioria das participantes têm habilitações ao nível da frequência universitária ou da licenciatura, indo ao encontro do que já foi confluído noutros estudos (Traeen, Nilsen e Stigum, 2006), onde eram também os indivíduos com maior nível educacional que consumiam mais pornografia online. Um factor que pode explicar o porquê de pessoas mais velhas usarem menos a Internet pode indicar que o interesse diminui com a idade ou que as atitudes destas pessoas para com a pornografia foram formadas num período em que a visão da pornografia e do sexo seria muito mais restrito e criticado do que nos dias que correm, atitudes estas que ainda não se modificaram e estão sujeitas a valores morais antigos.

Neste estudo o envolvimento numa relação de compromisso não parece ser um factor dominante no consumo de pornografia, não aumentando ou diminuindo radicalmente o seu visionamento. Por outro lado, um grande número mantêm esta actividade secreta não a partilhando com o parceiro(a) e admitindo que não desistiria de ver pornografia online mesmo que o seu parceiro(a) lhe pedisse, indicando que esta é uma actividade independente do comportamento do seu companheiro(a), não sendo influenciada pelo consumo que a outra parte faz, ao contrário do que foi sugerido noutros estudos (e.g. Bergner, R. M, 2003 (verificar!!); Traeen, Nilsen e Stigum, 2006). Contudo, no que diz respeito á solidão como factor que influencia o aumento de consumo deste tipo de sites as respostas dadas pelas participantes não permitem chegar a uma resposta conclusiva já que se encontram bastante divididas. Assim, o uso da pornografia é provavelmente influenciado por factores pessoais,

comportamentais e sociais, os quais vão mudando ao longo do tempo. Para além disso, a Internet com o alto nível de anonimato que permite aos indivíduos que a utilizam, tornou-se o meio perfeito para permitir a exploração sexual através da experimentação distanciada.

Algo que suporta esta afirmação, relaciona-se com a orientação sexual da grande maioria das participantes *versus* as preferências no que diz respeito ao conteúdo visionado. Com efeito, ainda que a maioria das mulheres que participaram neste estudo se considere como “exclusivamente heterossexual”, existem mulheres que procuram imagens pornográficas de outras mulheres e imagens de relações sexuais entre mulheres. Este poderá, então, ser um indício de que a pornografia online permite a experimentação sexual, relacionada com a “curiosidade” referida por muitas participantes, bem como a possibilidade de encenar fantasias mais específicas, nomeadamente as fantasias fetichistas ou de bondage. É provavelmente através destas questões que o poder do sistema “Triple-A” referido anteriormente se pode sentir com maior clareza. O distanciamento que a Internet promove, permitindo um envolvimento sexual que pode ser terminado com o “clique” de um botão poderá ser um dos factores que mais seduz as pessoas que procuram sites pornográficos online.

Um dos resultados mais interessantes e pertinentes deste trabalho, prende-se com os dados relativos à percentagem de mulheres que já acedeu alguma vez a sites pornográficos *versus* aquelas que alguma vez já se envolveram em cibersexo. Autores como Ferree (2003) e Scheneider (2000) defendem que as mulheres preferem envolver-se em cibersexo do que visionar sites pornográficos, já que a primeira actividade apela mais à imaginação, uma vez que os corpos não estão em contacto directo; e a segunda ao estímulo visual - mais facilmente relacionado com o sexo masculino. O cibersexo dá espaço ao roleplay e à imaginação, podendo ser uma actividade muito mais romantizada e íntima uma vez que pede a interacção de duas pessoas. Já o consumo de pornografia é na sua maioria uma actividade solitária, deixando pouco espaço à imaginação. Contudo, este estudo revela que para esta amostra a percentagem de mulheres que já alguma vez visionou pornografia online é de 56,9% sendo bastante superior à percentagem das mulheres que alguma vez se envolveu em cibersexo (24.3%).

Outro dado interessante, prende-se com o facto de em todas as actividades sexuais que incluí no meu questionário, existir uma percentagem de mulheres que já as realizaram, demonstrando que as mulheres desta amostra não se inibem de se envolverem em experiências sexuais online e apreciá-las. De facto os dados mostram que parece existir um aumento da masturbação conforme a frequência de acesso também aumenta.

De uma forma geral, as mulheres que responderam ao questionário não se sentem insatisfeitas com a sua vida sexual, não sendo essa a razão que as leva a procurar este tipo de sites. Pelo contrário, a maioria afirma sentir-se excitada e masturbar-se quando acede a sites pornográficos, contudo esta não é uma actividade central para o seu bem-estar sexual, mas antes uma actividade que remete mais para o “entretenimento” surgindo como um complemento da vida sexual e não um aspecto que a domina. Apesar disto, deve-se ainda demonstrar alguma preocupação com a pequena percentagem de mulheres que declararam que aceder a sites pornográficas é “algo compulsivo que não conseguem evitar”, corroborando os estudos que alertam para os perigos dos vícios sexuais online.

Outros aspectos negativos do consumo online são espelhados pelas mulheres que dizem já ter sentido um impacto negativo por consumirem pornografia ou que já sentiu vergonha por ver sites pornográficos, salientando o papel que a norma social e o ambiente envolvente ainda tem sobre a sexualidade feminina. O tipo de estrutura ambiental envolvente associada a expressões sexuais poderá também influenciar a auto-percepção do uso de pornografia online como socialmente aceitável. Os duplos padrões, normas e expectativas sobre a forma como as mulheres devem expressar a sua própria sexualidade pode ser descrita através daquilo a que Bandura (cit. por Traeen, Nilsen e Stigum, 2006) denominou de “*imposed environment*” ou ambiente imposto. Num ambiente imposto o indivíduo tem pouco controlo e influência sobre o seu próprio comportamento. Assim, uma mulher com atitudes positivas para com a pornografia online e que se sente sexualmente excitada ao visionar este tipo de conteúdo pode sentir-se também envergonhada porque não percebe qualquer suporte social ao seu comportamento.

Esta forma de pensar é bastante óbvia se olharmos para os dados referentes á religião das participantes do estudo. Na generalidade as mulheres que são praticantes de alguma religião quase não apareciam representadas nos diversos comportamentos sexuais sobre os quais foram inquiridas. De facto a maioria das mulheres que já visionou sites pornográficos ou se declarava como não tendo religião ou como não sendo praticante de qualquer religião.

VII. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Recentemente vários autores têm vindo a comentar o potencial impacto que a pornografia online poderá ter na sexualidade feminina. O anonimato que a Internet proporciona parece torna-la um meio seguro para a exploração da sexualidade livre de críticas e julgamentos. Autores como Kibby e Costello (cit. por Goodson, McCormick & Evans, 2000) afirmam que a Internet permite ás mulheres ultrapassar o papel estereotipado que as mulheres ocupam em outros tipos de pornografia e transformarem-se de objectos que são admirados em objectos admiradores. A Internet pode ser apreciada pelas mulheres porque permite esta transformação da mulher objecto em um individuo activo, invertendo as relações de poder que anteriormente se observavam (Kibby e Costello cit. por Goodson, McCormick & Evans, 2000). De facto esta pode ser uma explicação que permita compreender a grande percentagem de mulheres que alguma vez já consumiram pornografia, representada neste estudo.

Contudo apesar destes resultados surpreendentes é necessário apontar algumas limitações que foram detectadas ao longo do estudo. Em primeiro lugar deve ser mencionado que o tamanho da amostra poderia ser maior de forma a retirar conclusões mais representativas. Por outro lado, uma vez que o questionário foi auto-elaborado é possível que não tenha abrangido todas as dimensões que deveriam ser estudadas num trabalho desta natureza. O questionário deverá ser então revisto para novas aplicações, podendo-se adicionar novas variáveis que se debrucem sobre outras dimensões relativas aos comportamentos sexuais online do sexo feminino. Ainda relativamente aos aspectos limitativos do questionário, deve ser referido que as participantes não foram questionadas sobre o eventual consumo de outros tipos de pornografia, como revistas ou dvd's e devido a isto é necessário pôr algumas reservas ao atribuir o mecanismo "*Triple-A*" como o factor de maior peso no consumo de pornografia online. Se estas mulheres consumirem outros tipos de pornografia então talvez o anonimato que a Internet oferece não seja um atractivo tão apelativo como se poderia pensar.

Existem ainda outros caminhos a ser explorados no que diz respeito á investigação da sexualidade na Internet. Agora que existem dados que indicam a existência de consumidoras de pornografia online em Portugal é preciso compreender mais profundamente de que forma este consumo afecta o seu comportamento sexual e se o afectará de todo. Será que os efeitos que a pornografia tem nas mulheres em termos comportamentais são diferentes daqueles já teorizados para o sexo masculino? Dada a conclusão de que o consumo de pornografia nesta

amostra não parece estar directamente ligada ao consumo de pornografia do(a) parceiro(a), será pertinente ainda realizar pesquisas que permitam compreender os efeitos da exposição à pornografia online uma vez que foram os próprios indivíduos que escolheram consumi-la. Este tipo de estudo poderá ajudar a compreender as características da personalidade daquelas que procuram visionar materiais sexualmente explícitos através da Internet.

Poderia-se ainda comparar o consumo de pornografia online com o consumo de outros tipos de pornografia da população feminina, de forma a tentar perceber se a pornografia online é preferida devido ao seu aliciante anonimato ou se é apenas mais um meio de consumo de pornografia.

Por outro lado, se estas mulheres são casadas até que ponto é que este consumo interfere na sua vida conjugal?

A indicação de que as crenças religiosas têm algum impacto no consumo de pornografia é bastante interessante, contudo a amostra não possuía suficiente elementos religiosos para se poder retirar conclusões definitivas. Nessa medida, seria interessante realizar um estudo que se focasse mais nestas questões e no peso que os ideais religiosos podem ter no consumo de pornografia.

Para finalizar, outro ponto de interesse, seria realizar um estudo que se focasse numa população mais jovem. A exposição prematura a pornografia poderá ter alguma consequência? Como é que é feito o contacto inicial com a pornografia online: por acidente ou será intencional? Que atitudes têm os jovens para com este tipo de materiais sexualmente explícitos? E falando de atitudes, como podemos prever que tipo de atitudes podem levar a um consumo exagerado e prejudicial para o indivíduo?

Os objectivos para este estudo, ou seja, a realização de um estudo descritivo e exploratório de uma amostra da população feminina Portuguesa que consome pornografia online, foram atingidos. Contudo, devido ao número de questões que foram levantadas, esperamos que novas investigações sejam levadas a cabo e que a comunidade científica continue a perseguir respostas relativas aos diversos caminhos que a sexualidade pode seguir no mundo imenso que é a Internet.

REFERÊNCIAS

Attwood, F., (2005). What do people do with porn? Qualitative research into the consumption, use and experience of pornography and other sexually explicit media. *Sexuality & Culture*, 9, (2), 65-86.

Amin, K.; Virden, T. B. & Yoder, V.C. (2005). Internet pornography and loneliness: An association? *Sexual Addiction & Compulsivity*, 12, 19-44.

Bennett, D. (2001). Pornography-Dot-Com: Eroticising privacy on the internet. *The Review of Education / Pedagogy / Cultural Studies*, 23, 381-391.

Bensimon, P. (2007). The role of pornography in sexual offending. *Sexual Addiction & Compulsivity*, 14, 95-117.

Bergner, R. M; Bridges, A. J. & Hesson-McInnis, M. (2003). Romantic partner's use of pornography: It's significance for women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 29, 1-14.

Birnbaum, M. H. (2004). Human research and data collection via the Internet. *Annual Review of Psychology*, 55, 803-832.

Boies, S. C., Cooper, A., Osborne, C. S. (2004). Variations in Internet-related problems and psychosocial functioning in online sexual activities: Implications for social and sexual development of young adults. *CyberPsychology & Behavior*, 7, (2), 207-230.

Carvalho, A. (2007). Novas metodologias de investigação psicológica na Internet: Uma revisão teórica. *Psychologica*, 46, 67- 83.

Carvalho, A. & Gomes, F. A. (2003). Cybersex in Portuguese chatrooms: A study of sexual behaviors related to online sex. *Journal of Sex and Marital Therapy*, 29, (5), 345-360.

Ciclitra, K. (2004). Pornography, women and feminism: Between pleasure and politics. *Sexualities*, 7, (3), 281-301.

Cooper, A.; Mansson, S.; Daneback, K; Tikkanen, R. & Ross, M. W. (2003). Predicting the future of sex: Online sexual activities in Sweden. *Sexual and Relationship Therapy*, 18, (3), 277-291.

Cooper, A., McLoughlin, I., & Campbell, K. (2000). Sexuality in Cyberspace: Update for the 21st Century. *CyberPsychology & Behavior*, 3, (4), 521-536.

Cooper, A., Morahan-Martin, J., Mathy, R., & Maheu, M. (2002). Toward an increased understanding of user demographics in online sexual activities. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 28, 105-129.

Cooper, A., Putnam, D.E., Planchon, L.A., & Boies, S.C. (1999). Online sexual compulsivity: Getting tangled in the net. *Sexual Addiction & Compulsivity: The Journal of Treatment and Prevention*, 6, 79-104.

Cooper, A., Scherer, C., Bois, S., & Gordon, B. (1999). Sexuality on the Internet: from sexual exploration to pathological expression. *Professional Psychology: Research and Practice*, 30, (2), 154-164.

Daileader, C. R. (1997). The uses of ambivalence: Pornography and female heterosexual identity. *Women's Studies*, 26, 73-88.

DeVoss, D. (2002). Women's porn sites – spaces of fissure and eruption or “I'm a little bit of everything”. *Sexuality & Culture*, 6, (3), 75-94.

Ferree, M. C. (2003). Women and the web: Cybersex activity and implications. *Sexual and Relationship Therapy*, 18, (3), 385-393.

Goodson, P.; McCormick, D. Evans, A.; (2000). Sex on the internet: College students' emotional arousal when viewing sexually explicit materials on-line. *Journal of Sex Education and Therapy*, 25, (4), 252-260.

Griffiths, M. (2000). Excessive Internet Use: Implications for Sexual Behavior. *CyberPsychology & Behavior*, 3, (4), 537-552.

Johansson, T. & Hammarén, N. (2007). Hegemonic Masculinity and Pornography: Young people's attitudes towards and relations to porn. *The Journal of Men's Studies*, 11 (1), 57-70.

Levay, S. & Valente, S. M. (2006). *Human Sexuality* (2nd ed.). Massachusetts: Sinauer Associates, Inc.

Lillie, J. M. (2002). Sexuality and cyberporn: Towards a new agenda for research. *Sexuality & Culture*, 6, (2), 25-47.

Malamuth, M. N. & Vega, V. (2007). Predicting Sexual Aggression: The role of pornography in the context of general and specific risk factors. *Aggressive Behaviour*, 33, 104- 117.

Podlas, J. D. (2000). Mistresses of their domain: How female entrepreneur in cyberporn are initiating a gender power shift. *Cyber Psychology & Behavior*, 3 (5), 847-854.

Ribeiro, J. L. P. (2007). *Metodologias de investigação em psicologia da saúde*. Legis Editora.

Schauer, T. (2005). Women's porno: The heterosexual female gaze in porn sites "for women". *Sexuality & Culture*, 9, (2), 42-64.

Schneider, J. (2000). A qualitative study of cybersex participants: Gender differences, recovery issues and implications for therapists. *Sexual Addiction and Compulsivity*, 7, 249-278.

Senn, Y. C. (1993). Women's multiple perspectives and experiences with porn. *Psychology of Women Quarterly*, 17, 319-341.

Strager, S. (2003). What men watch when they watch pornography. *Sexuality & Culture*, 7, (1), 50-61.

Traeen, B., Nilsen, T. S. & Stigum, H. (2006). Use of pornography in traditional media and on the Internet in Norway. *Journal of Sex Research*, 43, (3), 245-254.

Ybarra, M. L., Mitchell, K. J. (2005). Exposure to internet pornography among children and adolescents: A national survey. *Cyberpsychology & Behaviour*, 8, (5), 473-486.

Young, K. (1998). Internet addiction: The emergence of a new clinical disorder. *CyberPsychology and Behaviour*, 1, 237-244.

Watson, L. (2007). Pornography and public reason. *Social Theory & Practice*, 33, (3), 467-488.

ANEXOS

ANEXO A

ANEXO A
QUESTIONÁRIO SOBRE O CONSUMO DE PORNOGRAFIA ONLINE, PARA
UMA AMOSTRA FEMININA PORTUGUESA

Dados Socio-Demográficos

1. Género

- Feminino
- Masculino
- Sou transsexual

2. Idade

3. Estado Civil

- Solteira
- Casada
- União de Facto
- Divorciada
- Viúva

4. Orientação Sexual

- Exclusivamente Heterossexual
- Preferencialmente Heterossexual
- Exclusivamente Homossexual
- Preferencialmente Homossexual
- Bissexual

5. Tem uma relação de compromisso há mais de 6 meses?

- Sim
- Não

6. Habilitações literárias completas

- Até ao 4º ano de escolaridade
- Até ao 6º ano de escolaridade
- Até ao 9º ano de escolaridade
- 12ª ano de escolaridade
- Frequência Universitária
- Licenciatura
- Pós-Graduação
- Mestrado
- Doutoramento
- Pós-Doutoramento

7. Religião

- Católico praticante
- Católico não praticante
- Outra religião praticante
- Outra religião não praticante
- Sem religião

8. Área de Residência (Distrito)

- Aveiro
- Beja
- Braga
- Bragança
- Castelo Branco
- Coimbra
- Évora
- Faro
- Guarda
- Leiria
- Lisboa

- Portalegre
- Porto
- Santarém
- Setúbal
- Viana do Castelo
- Vila Real
- Viseu
- Madeira
- Açores

9. Em que meio vive?

- Meio Urbano
- Meio Rural

10. Teve acompanhamento psicológico nos últimos 2 anos?

- Sim
- Não

11. Alguma vez acedeu a sites pornográficos?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Muitas vezes

12. Troca material pornográfico através da sua conta de e-mail?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Muitas vezes

13. Alguma vez se envolveu em cibersexo?

- Nunca

- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Muitas vezes

14. Já se despiu para uma webcam?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Quase sempre
- Sempre

15. Já enviou imagens eróticas suas através da Internet?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Quase sempre
- Sempre

16. Com que frequência acede a sites pornográficos?

- Menos do que 1 x por mês
- Pelo menos 1 vez por mês
- Mais do que 1 vez por mês
- Pelo menos 1x por semana
- Mais do que 1x por semana
- Diariamente

17. Quantos anos tinha quando acedeu a um site pornográfico pela primeira vez?

18. Quando acede a um site pornográfico prefere fazê-lo sozinha?

- Sim
- Não

19. Quanto tempo gasta em sites pornográficos?

- Menos de 1 hora por semana
- De 6 a 11 horas por semana
- De 12 a 17 horas por semana
- 1 a 2 horas por dia
- Mais de 2 horas por dia

20. O seu consumo de pornografia online implica gastos económicos? (Usa o seu cartão de crédito para pagar o seu acesso a esses sites)

- Sim
- Não
- Algumas vezes

21. O que prefere?

- Sites pornográficos "mainstream" onde o conteúdo é normalmente digerido para homens
- Sites pornográficos com conteúdo dirigido para o sexo feminino
- Não tenho preferência

22. Costuma masturbar-se quando acede a sites pornográficos?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Muitas vezes

23. O que a leva a aceder a sites pornográficos? (resposta múltipla disponível)

- Entretenimento
- Apenas curiosidade
- Procurar algo que me excite sexualmente
- Procurar algo para me masturbar
- Para aprender coisas novas sobre sexo

- Faço-o com o meu parceiro(a) porque nos excita
- Porque tenho muito desejo sexual
- Porque não tenho parceiro sexual
- Para satisfazer fantasias muito específicas
- Para agradar ao meu parceiro(a)
- É algo compulsivo que não consigo evitar
- Outras razões

24. O seu parceiro(a) também acede a sites pornográficos?

- Sim
- Não
- Não sei

25. O seu parceiro(a) sabe que acede a sites pornográficos?

- Sim
- Não

26. Abdicaria de sites pornográficos se o seu parceiro(a) lhe pedisse?

- Sim
- Não

27. Aceder a sites pornográficos é uma parte importante da sua vida?

- Sim
- Não

28. Pratica com o seu companheiro(a) aquilo que vê nos sites pornográficos?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Quase sempre
- Sempre

29. Qual o seu grau de satisfação com a sua vida sexual?

- Muito satisfeita
- Moderadamente satisfeita
- Pouco satisfeita
- Nada satisfeita

30. Em que medida a visualização de sites pornográficos é importante para o seu bem-estar sexual?

- Muito importante
- Moderadamente importante
- Pouco importante
- Nada importante

31. Que tipo de conteúdo procura nos sites pornográficos a que acede? (resposta múltipla disponível)

- Imagens de homens
- Imagens de mulheres
- Imagens de relações sexuais entre homens
- Imagens de relações sexuais entre mulheres
- Imagens de relações sexuais entre homens e mulheres
- Encenação de fantasias
- Filmes pornográficos hard-core
- Filmes pornográficos soft-core
- Sites com webcams onde é possível interagir com a dona(o) do site
- Sites fetichistas
- Sites de bondage e sadomasoquista
- Sites de Hentai (filmes de animação pornográficos)
- Outros conteúdos

32. Quando acede a sites pornográficos fica sexualmente excitada?

- Sempre
- Quase sempre
- Algumas vezes
- Poucas vezes

- Nunca

33. Costuma imitar as mulheres que vê nos sites pornográficos?

- Sempre
- Quase sempre
- Algumas vezes
- Poucas vezes
- Nunca

34. Prefere aceder a sites pornográficos com conteúdos mais próximos das suas fantasias sexuais?

- Sim
- Não
- É-me indiferente

35. Possui algum site pornográfico ou relacionado com a indústria pornográfica (blog, fórum, sex shop, etc.)?

- Sim
- Não

36. Se não possui, gostaria de vir a possuir?

- Sim
- Não

37. O consumo de pornografia é uma actividade privada para si? (ou seja, algo que não partilha com ninguém)

- Sim
- Não

38. Considera que o consumo de pornografia interfere positivamente com a sua vida?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes

- Quase sempre
- Sempre

39. Considera que o consumo de pornografia interfere negativamente com a sua vida?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Quase sempre
- Sempre

40. Já participou em algum filme pornográfico?

- Sim
- Não

41. Sente vergonha por ver sites pornográficos?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Quase sempre
- Sempre

42. Considera que a quantidade de pornografia que consome é excessiva?

- Nunca
- Poucas vezes
- Algumas vezes
- Quase sempre
- Sempre

43. Considera que a pornografia feita por mulheres e para mulheres é mais excitante?

- Sim
- Não
- Nunca vi pornografia direccionada exclusivamente para mulheres
- Não sei

44. Vê mais pornografia quando se sente sozinha?

- Sim
- Não

45. Vê mais pornografia quando não se encontra envolvida numa relação amorosa?

- Sim
- Não

46. Considera que o consumo de pornografia alterou a forma como percepciona o seu corpo?

- Sim, positivamente
- Sim, negativamente
- Não

ANEXO B

ANEXO B

CÓPIA DO CONSENTIMENTO INFORMADO REFERENTE AO QUESTIONÁRIO SOBRE O CONSUMO DE PORNOGRAFIA ONLINE, NUMA AMOSTRA DE MULHERES PORTUGUESAS

Por favor leia este texto antes de aceitar participar neste estudo. O meu nome é Maria João Gaspar, aluna no 5º ano do curso de Psicologia Aplicada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada e estou a realizar este estudo sob a orientação da Profª Doutora Ana Alexandra Carvalheira.

Este estudo tem como objectivo compreender os hábitos de consumo de pornografia online da população feminina portuguesa.

Importante: Para participar tem que ter pelo menos 18 anos de idade e ser do sexo feminino.

Se aceitar participar ser-lhe-á pedido que responda a um questionário que, demorará ente 10 a 15 mins, acerca das suas experiências e hábitos de consumo de pornografia online. A participação é totalmente anónima e confidencial, e os dados serão tratados com toda a privacidade.

Quaisquer questões ou sugestões podem ser remetidas para Maria João Gaspar: mariajmgaspar@gmail.com

O questionário é composto por 7 páginas. No fim de cada página encontra um botão para passar à página seguinte. Caso as perguntas não sejam preenchidas correctamente será avisado.

Muito obrigada pela sua participação!

Ao premir o botão para iniciar, declaro ser maior de 18 anos e que aceito participar neste estudo sobre o qual me foi fornecida suficiente informação.

ANEXO C

ANEXO C

RESTANTES OUTPUTS DOS RESULTADOS OBTIDOS DO QUESTIONARIO SOBRE
O CONSUMO DE PORNOGRAFIA ONLINE, PARA UMA AMOSTRA DE MULHERES
PORTUGUESAS.

Percentagens das idades das participantes

		Idade			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	18	2	1,0	1,0	1,0
	19	2	1,0	1,0	2,0
	20	5	2,5	2,5	4,5
	21	8	4,0	4,0	8,4
	22	10	5,0	5,0	13,4
	23	19	9,4	9,4	22,8
	24	21	10,4	10,4	33,2
	25	19	9,4	9,4	42,6
	26	19	9,4	9,4	52,0
	27	18	8,9	8,9	60,9
	28	9	4,5	4,5	65,3
	29	13	6,4	6,4	71,8
	30	7	3,5	3,5	75,2
	31	4	2,0	2,0	77,2
	32	8	4,0	4,0	81,2
	33	9	4,5	4,5	85,6
	34	5	2,5	2,5	88,1
	35	3	1,5	1,5	89,6
	36	3	1,5	1,5	91,1
	37	3	1,5	1,5	92,6
	38	2	1,0	1,0	93,6
	39	1	,5	,5	94,1
	40	1	,5	,5	94,6
	41	1	,5	,5	95,0
	42	4	2,0	2,0	97,0
	43	2	1,0	1,0	98,0
	50	1	,5	,5	98,5
	52	1	,5	,5	99,0
	55	1	,5	,5	99,5
	58	1	,5	,5	100,0
	Total	202	100,0	100,0	

Média, mediana, moda, desvio-padrão, variância, valor mínimo e máximo da idade das participantes.

Statistics

2. Idade

N	Valid	202
	Missing	0
Mean		27,89
Median		26,00
Mode		24
Std. Deviation		6,409
Variance		41,077
Minimum		18
Maximum		58

Percentagem do estado civil das participantes.

3. Estado Civil

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Solteira	148	73,3	73,3	73,3
Casada	21	10,4	10,4	83,7
União de Facto	28	13,9	13,9	97,5
Divorciada	5	2,5	2,5	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagem da orientação sexual das participantes

4. Orientação Sexual

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Exclusivamente Heterossexual	162	80,2	80,2	80,2
Preferencialmente Heterossexual	28	13,9	13,9	94,1
Exclusivamente Homossexual	1	,5	,5	94,6
Preferencialmente Homossexual	1	,5	,5	95,0
Bissexual	10	5,0	5,0	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Porcentagem das participantes com relação de compromisso há mais de 6 meses.

5. Têm relação de compromisso há mais de 6 meses?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	122	60,4	60,4	60,4
Não	80	39,6	39,6	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Porcentagem das habilitações literárias completas das participantes.

6. Habilitações literárias completas

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Até ao 4º ano	1	,5	,5	,5
Até ao 6º ano	1	,5	,5	1,0
Até ao 9º ano	3	1,5	1,5	2,5
12º ano de escolaridade	18	8,9	8,9	11,4
Frequência Universitária	42	20,8	20,8	32,2
Licenciatura	102	50,5	50,5	82,7
Pós-Graduação	24	11,9	11,9	94,6
Mestrado	7	3,5	3,5	98,0
Doutoramento	3	1,5	1,5	99,5
Pós-Doutoramento	1	,5	,5	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Porcentagem das diferentes religiões das participantes.

7. Religião

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Católico praticante	15	7,4	7,4	7,4
Católico não praticante	79	39,1	39,1	46,5
Outra religião praticante	10	5,0	5,0	51,5
Outra religião não praticante	6	3,0	3,0	54,5

Sem religião	92	45,5	45,5	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagem das diferentes áreas de residência, por distrito, das participantes.

8. Área de Residência (Distrito)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Aveiro	4	2,0	2,0	2,0
Beja	1	,5	,5	2,5
Braga	3	1,5	1,5	4,0
Castelo Branco	3	1,5	1,5	5,4
Coimbra	11	5,4	5,4	10,9
Évora	5	2,5	2,5	13,4
Faro	4	2,0	2,0	15,3
Guarda	1	,5	,5	15,8
Leiria	4	2,0	2,0	17,8
Lisboa	114	56,4	56,4	74,3
Portalegre	2	1,0	1,0	75,2
Porto	28	13,9	13,9	89,1
Santarém	2	1,0	1,0	90,1
Setúbal	13	6,4	6,4	96,5
Viana do Castelo	1	,5	,5	97,0
Madeira	4	2,0	2,0	99,0
Açores	2	1,0	1,0	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagens do tipo de meio em que as participantes vivem.

8. Em que meio vive?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Meio Urbano	185	91,6	91,6	91,6
Meio Rural	17	8,4	8,4	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que tiveram acompanhamento psicológico nos últimos 2 anos.

9. Teve acompanhamento psicológico nos últimos 2 anos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	24	11,9	11,9	11,9
Não	178	88,1	88,1	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que acederam a sites pornográficos.

10. Alguma vez acedeu a sites pornográficos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	87	43,1	43,1	43,1
Poucas Vezes	65	32,2	32,2	75,2
Algumas Vezes	38	18,8	18,8	94,1
Muitas Vezes	12	5,9	5,9	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que trocam material pornográfico através da conta de e-mail.

11. Troca material pornográfico através da sua conta de e-mail?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	176	87,1	87,1	87,1
Poucas Vezes	21	10,4	10,4	97,5
Algumas Vezes	5	2,5	2,5	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que alguma vez se envolveram em cibersexo.

12. Alguma vez se envolveu em cibersexo?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	153	75,7	75,7	75,7
Poucas vezes	36	17,8	17,8	93,6
Algumas vezes	9	4,5	4,5	98,0
Muitas vezes	4	2,0	2,0	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que já se despiram para uma webcam.

13. Já se despiu para uma webcam?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	174	86,1	86,1	86,1
Poucas vezes	21	10,4	10,4	96,5
Algumas vezes	5	2,5	2,5	99,0
Quase sempre	2	1,0	1,0	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que já enviaram imagens eróticas suas através da Internet.

14. Já enviou imagens eróticas suas através da Internet?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	161	79,7	79,7	79,7
Poucas vezes	33	16,3	16,3	96,0
Algumas vezes	6	3,0	3,0	99,0
Quase sempre	2	1,0	1,0	100,0
Total	202	100,0	100,0	

Percentagem da frequência de acesso a sites pornográficos.

15.Com que frequência acede a sites pornográficos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Menos 1x por mês	81	70,4	70,4	70,4
Pelo menos 1x por mês	15	13,0	13,0	83,5
Mais do que 1x por mês	12	10,4	10,4	93,9
Pelo menos 1x por semana	3	2,6	2,6	96,5
Mais do que 1x por semana	1	,9	,9	97,4
Diariamente	3	2,6	2,6	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem das idades das participantes quando acederam a um site pornográfico pela primeira vez.

16. Quantos anos tinha quando acedeu a um site pornográfico pela primeira vez?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid 12	1	,9	,9	,9
13	1	,9	,9	1,7
14	5	4,3	4,3	6,1
15	4	3,5	3,5	9,6
16	16	13,9	13,9	23,5
17	12	10,4	10,4	33,9
18	10	8,7	8,7	42,6
19	7	6,1	6,1	48,7
20	17	14,8	14,8	63,5
21	2	1,7	1,7	65,2
22	7	6,1	6,1	71,3
23	5	4,3	4,3	75,7
24	3	2,6	2,6	78,3
25	10	8,7	8,7	87,0
26	3	2,6	2,6	89,6
27	5	4,3	4,3	93,9
28	1	,9	,9	94,8
30	1	,9	,9	95,7
33	3	2,6	2,6	98,3
45	1	,9	,9	99,1
49	1	,9	,9	100,0

Total	115	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Média, mediana, moda, desvio-padrão, variância, valor máximo e mínimo da idade com que as participantes acederam a um site pornográfico pela primeira vez.

Statistics

16. Quantos anos tinha quando acedeu a um site pornográfico pela primeira vez?

N	Valid	115
	Missing	0
Mean		20,57
Median		20,00
Mode		20
Std. Deviation		5,643
Variance		31,844
Minimum		12
Maximum		49

Percentagens das participantes que preferem aceder a um site pornográfico sozinha.

17. Quando acede a um site pornográfico prefere fazê-lo sozinha?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	97	84,3	84,3	84,3
	Não	18	15,7	15,7	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagens do tempo gasto em sites pornográficos.

18. Quanto tempo gasta em sites pornográficos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	< 1h por semana	107	93,0	93,0	93,0
	De 6h a 11h por semana	4	3,5	3,5	96,5
	De 12h a 17h por semana	1	,9	,9	97,4
	1h a 2h por dia	1	,9	,9	98,3
	>2h por dia	2	1,7	1,7	100,0

Total	115	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Percentagens dos gastos económicos dispendidos com o acesso a sites pornográficos.

19.O seu consumo de pornografia online implica gastos económicos? (Usa o seu cartão de crédito para pagar o seu acesso a esses sites)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Não	114	99,1	99,1	99,1
Algumas vezes	1	,9	,9	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagens das preferências relativamente ao conteúdo pornográfico.

20. O que prefere?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sites com conteúdo mais "mainstream" para homens	17	14,8	14,8	14,8
Sites com conteúdo para o sexo feminino	19	16,5	16,5	31,3
Não tenho preferência	79	68,7	68,7	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagens da masturbação ao aceder a sites pornográficos.

21. Costuma masturbar-se quando acede a sites pornográficos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	38	33,0	33,0	33,0
Poucas vezes	42	36,5	36,5	69,6
Algumas vezes	20	17,4	17,4	87,0
Muitas vezes	15	13,0	13,0	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagens do acesso dos(as) parceiros(as) a sites pornográficos.

23. O seu parceiro(a) também acede a sites pornográficos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	53	46,1	46,1	46,1
Não	11	9,6	9,6	55,7
Não sei	51	44,3	44,3	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que partilham com o(a) parceiro(a) o acesso que fazem a sites pornográficos.

24. O seu parceiro(a) sabe que acede a sites pornográficos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	55	47,8	47,8	47,8
Não	60	52,2	52,2	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que abdicariam do acesso a sites pornográficos caso o parceiro pedisse.

25. Abdicaria de aceder a sites pornográficos se o seu parceiro(a) lhe pedisse?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	62	53,9	53,9	53,9
Não	53	46,1	46,1	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que consideram o acesso a sites pornográficos uma parte importante da sua vida.

26. Aceder a sites pornográficos é uma parte importante da sua vida?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	6	5,2	5,2	5,2
	Não	109	94,8	94,8	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagens das participantes que partilham com o companheiro aquilo que vêem nos sites pornográficos.

27. Pratica com o seu companheiro(a) aquilo que vê nos sites pornográficos?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Nunca	30	26,1	26,1	26,1
	Poucas vezes	25	21,7	21,7	47,8
	Algumas vezes	49	42,6	42,6	90,4
	Quase sempre	9	7,8	7,8	98,3
	Sempre	2	1,7	1,7	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagens do grau de satisfação com a vida sexual

28. Qual o seu grau de satisfação com a sua vida sexual?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Muito satisfeita	51	44,3	44,3	44,3
	Moderadamente satisfeita	49	42,6	42,6	87,0
	Pouco satisfeita	9	7,8	7,8	94,8
	Nada satisfeita	6	5,2	5,2	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagens da importância dos sites pornográficos para o bem-estar sexual.

29. Em que medida a visualização de sites pornográficos é importante para o seu bem-estar sexual?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Muito importante	2	1,7	1,7	1,7
Moderadamente importante	16	13,9	13,9	15,7
Pouco importante	41	35,7	35,7	51,3
Nada importante	56	48,7	48,7	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que ficam sexualmente excitadas ao visionar um site pornográfico.

31. Quando acede a sites pornográficos fica sexualmente excitada?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sempre	11	9,6	9,6	9,6
Quase sempre	34	29,6	29,6	39,1
Algumas vezes	49	42,6	42,6	81,7
Poucas vezes	17	14,8	14,8	96,5
Nunca	4	3,5	3,5	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que imitam as mulheres dos sites pornográficos a que acedem.

32. Costuma imitar as mulheres dos sites pornográficos a que acede?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Algumas vezes	29	25,2	25,2	25,2
Poucas vezes	33	28,7	28,7	53,9
Nunca	53	46,1	46,1	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que preferem aceder a sites pornográficos com conteúdos mais próximos das suas fantasias sexuais.

33. Prefere aceder a sites pornográficos com conteúdos mais próximos das suas fantasias sexuais?

		Frequenc y	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	59	51,3	51,3	51,3
	É-me indiferente	56	48,7	48,7	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagem das participantes que possuem um site de pornografia ou algo relacionado com a indústria pornográfica.

34. Possui algum site de pornografia ou algo relacionado com a indústria pornográfica (sex shop, blog, fórum, site próprio, etc.)?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	1	,9	,9	,9
	Não	114	99,1	99,1	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que gostariam de vir a possuir um site pornográfico ou algo relacionado com a indústria pornográfica.

35. Se não possui, gostaria de vir a possuir?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	5	4,3	4,3	4,3
	Não	110	95,7	95,7	100,0

Total	115	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Percentagem de participantes que consideram o consumo de pornografia uma actividade privada.

36. O consumo de pornografia é uma actividade privada para si? (ou seja, algo que não partilha com ninguém)

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	78	67,8	67,8	67,8
Não	37	32,2	32,2	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que consideram que o consumo de pornografia interfere positivamente com as suas vidas.

37. Considera que o consumo de pornografia interfere positivamente com a sua vida?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	43	37,4	37,4	37,4
Poucas vezes	41	35,7	35,7	73,0
Algumas vezes	21	18,3	18,3	91,3
Quase sempre	5	4,3	4,3	95,7
Sempre	5	4,3	4,3	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que consideram que o consumo de pornografia interfere negativamente com as suas vidas.

38. Considera que o consumo de pornografia interfere negativamente com a sua vida?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	94	81,7	81,7	81,7
Poucas vezes	14	12,2	12,2	93,9
Algumas vezes	5	4,3	4,3	98,3

Sempre	2	1,7	1,7	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes em algum filme pornográfico.

39. Já participou em algum filme pornográfico?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	4	3,5	3,5	3,5
Não	111	96,5	96,5	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que sentem vergonha por ver sites pornográficos.

40. Sente vergonha por ver sites pornográficos?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	62	53,9	53,9	53,9
Poucas vezes	23	20,0	20,0	73,9
Algumas vezes	20	17,4	17,4	91,3
Quase sempre	7	6,1	6,1	97,4
Sempre	3	2,6	2,6	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem que considera a quantidade de pornografia que consome excessiva.

41. Considera que a quantidade de pornografia que consome é excessiva?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Nunca	103	89,6	89,6	89,6
Poucas vezes	7	6,1	6,1	95,7
Algumas vezes	3	2,6	2,6	98,3
Quase sempre	1	,9	,9	99,1
Sempre	1	,9	,9	100,0

Total	115	100,0	100,0
-------	-----	-------	-------

Percentagem de participantes que consideram a pornografia feita por mulheres mais excitante.

42. Considera que a pornografia feita por mulheres para mulheres é mais excitante?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	22	19,1	19,1	19,1
Não	13	11,3	11,3	30,4
Nunca vi	53	46,1	46,1	76,5
Não sei	27	23,5	23,5	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que vê mais pornografia quando se sente sozinha.

43. Vê mais pornografia quando se sente sozinha?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	50	43,5	43,5	43,5
Não	65	56,5	56,5	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que vêm mais pornografia quando não se encontram envolvidas numa relação amorosa.

44. Vê mais pornografia quando não se encontra envolvida numa relação amorosa?

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid Sim	45	39,1	39,1	39,1
Não	70	60,9	60,9	100,0
Total	115	100,0	100,0	

Percentagem de participantes que consideram que o consumo de pornografia alterou a forma como percebem os seus corpos.

45. Considera que o seu consumo de pornografia alterou a forma como percepciona o seu corpo?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim, positivamente	38	33,0	33,0	33,0
	Sim, negativamente	8	7,0	7,0	40,0
	Não	69	60,0	60,0	100,0
	Total	115	100,0	100,0	

Percentagens das idades das participantes em intervalos etários.

cat_idade

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	18 – 20	9	4,5	4,5	4,5
	21 – 25	77	38,1	38,1	42,6
	26 – 30	66	32,7	32,7	75,2
	31 – 35	29	14,4	14,4	89,6
	36 – 40	10	5,0	5,0	94,6
	40 >	11	5,4	5,4	100,0
	Total	202	100,0	100,0	

ANEXO D

ANEXO D
 RESTANTES OUTPUTS RELATIVOS AO PONTO 5.2. IDADE, FREQUÊNCIA
 DE ACESSO E HÁBITOS SEXUAIS ONLINE.

Percentagens da troca de material pornográfico através da conta de e-mail em relação á idade das participantes

Idade		11. Troca material pornográfico através da sua conta de e-mail?			Total
		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	
18 – 20	Count	8	1	0	9
	% of Total	4,0%	,5%	,0%	4,5%
21 – 25	Count	70	7	0	77
	% of Total	34,7%	3,5%	,0%	38,1%
26 – 30	Count	58	6	2	66
	% of Total	28,7%	3,0%	1,0%	32,7%
31-35	Count	22	6	1	29
	% of Total	10,9%	3,0%	,5%	14,4%
36-40	Count	8	1	1	10
	% of Total	4,0%	,5%	,5%	5,0%
>40	Count	10	0	1	11
	% of Total	5,0%	,0%	,5%	5,4%
Total	Count	176	21	5	202
	% of Total	87,1%	10,4%	2,5%	100,0%

Percentagens relativas á participação em cibersexo em relação á idade das participantes.

Idade		12. Alguma vez se envolveu em cibersexo?				Total
		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Muitas Vezes	
18-20	Count	6	2	1	0	9
	% of Total	3,0%	1,0%	,5%	,0%	4,5%
21-25	Count	56	17	4	0	77
	% of Total	27,7%	8,4%	2,0%	,0%	38,1%
26-30	Count	53	10	2	1	66
	% of Total	26,2%	5,0%	1,0%	,5%	32,7%
31-35	Count	23	4	1	1	29
	% of Total	11,4%	2,0%	,5%	,5%	14,4%
36-40	Count	7	2	0	1	10
	% of Total	3,5%	1,0%	,0%	,5%	5,0%
>40	Count	8	1	1	1	11
	% of Total	4,0%	,5%	,5%	,5%	5,4%
Total	Count	153	36	9	4	202
	% of Total	75,7%	17,8%	4,5%	2,0%	100,0%

Percentagem de participantes que já se despiram para uma webcam de acordo com a idade.

Idade		13. Já se despiu para uma webcam?				Total
		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Quase Sempre	
18-20	Count	7	2	0	0	9
	% of Total	3,5%	1,0%	,0%	,0%	4,5%
21-25	Count	65	8	4	0	77
	% of Total	32,2%	4,0%	2,0%	,0%	38,1%
26-30	Count	58	7	1	0	66
	% of Total	28,7%	3,5%	,5%	,0%	32,7%
31-35	Count	25	4	0	0	29
	% of Total	12,4%	2,0%	,0%	,0%	14,4%
36-40	Count	9	0	0	1	10
	% of Total	4,5%	,0%	,0%	,5%	5,0%
>40	Count	10	0	0	1	11
	% of Total	5,0%	,0%	,0%	,5%	5,4%
Total	Count	174	21	5	2	202
	% of Total	86,1%	10,4%	2,5%	1,0%	100,0%

Percentagem de participantes que já enviaram imagens eróticas através da Internet de acordo com a idade.

Idade		14. Já enviou imagens eróticas suas através da Internet?				Total
		Nunca	Poucas Vezes	Algumas Vezes	Quase sempre	
18-20	Count	6	3	0	0	9
	% of Total	3,0%	1,5%	,0%	,0%	4,5%
21-25	Count	61	15	1	0	77
	% of Total	30,2%	7,4%	,5%	,0%	38,1%
26-30	Count	55	10	1	0	66
	% of Total	27,2%	5,0%	,5%	,0%	32,7%
31-35	Count	24	3	2	0	29
	% of Total	11,9%	1,5%	1,0%	,0%	14,4%
36-40	Count	8	0	1	1	10
	% of Total	4,0%	,0%	,5%	,5%	5,0%
>40	Count	7	2	1	1	11
	% of Total	3,5%	1,0%	,5%	,5%	5,4%
Total	Count	161	33	6	2	202
	% of Total	79,7%	16,3%	3,0%	1,0%	100,0%